

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA

Andressa Aparecida Pastore

***O Presidente Negro e a eugenia na década de 1920: as relações entre o Brasil e os Estados Unidos***

Florianópolis

2022

Andressa Aparecida Pastore

***O Presidente Negro e a eugenia na década de 1920:*** as relações entre o Brasil e os Estados Unidos

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Duarte

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pastore, Andressa Aparecida

O Presidente Negro e a eugenia na década de 1920 : as  
relações entre o Brasil e os Estados Unidos / Andressa  
Aparecida Pastore ; orientador, Adriano Duarte, 2022.

72 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. História. 2. O Presidente Negro. 3. Eugenia. 4.  
Monteiro Lobato. I. Duarte, Adriano. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ATA DE DEFESA DE TCC**

Aos nove dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e dois, às catorze horas, por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Adriano Duarte, Orientador e Presidente, pelo Professor Ricardo Selke, Titular da Banca, e pelo Professor Yoanky Cordero Gomez, Suplente, designados pela Portaria nº 27/2022/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Andressa Aparecida Pastore**, subordinado ao título: **“O Presidente Negro e a eugenia na década de 1920: as relações entre o Brasil e os Estados Unidos”**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido do Professor Adriano Duarte a nota final 10,0, do Professor Ricardo Selke a nota final .10,0. e do Professor Yoanky Cordero Gomez a nota final 10,0.; sendo aprovado com a nota final 10,0. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia dezesseis de dezembro de dois mil e vinte e dois. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 9 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente  
Adriano Luiz Duarte  
Data: 09/12/2022 15:57:48-0300  
CPF: \*\*\*.451.088-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Adriano Duarte



Documento assinado digitalmente  
Ricardo de Castilho Selke  
Data: 11/12/2022 12:20:09-0300  
CPF: \*\*\*.837.889-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Ricardo Selke



Documento assinado digitalmente  
Yoanky Cordero Gomez  
Data: 09/12/2022 21:08:51-0300  
CPF: \*\*\*.732.198-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Yoanky Cordero Gomez



Documento assinado digitalmente  
ANDRESSA APARECIDA PASTORE  
Data: 09/12/2022 18:35:16-0300  
CPF: \*\*\*.718.529-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Candidata Andressa Aparecida Pastore



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Andressa Aparecida Pastore, matrícula n.º18104645, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **O Presidente Negro e a eugenia na década de 1920: as relações entre o Brasil e os Estados Unidos**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis 15 de dezembro de 2022.



Documento assinado digitalmente

Adriano Luiz Duarte

Data: 15/12/2022 14:43:57-0300

CPF: \*\*\*.451.088-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Orientador(a)

## RESUMO

Nas últimas décadas do século XIX e até meados do século XX, a eugenia era um dos principais temas de discussão entre a elite intelectual mundial. A eugenia era tida por muitos desses intelectuais como uma ciência. Ciência essa que procurava o aperfeiçoamento da espécie humana através de princípios biológicos. Constituída como um movimento que procurava reformar a sociedade, a eugenia foi nesse período objeto de diversas produções escritas da elite intelectualizada. Levando em consideração esse tema, nesse trabalho é analisado o romance *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato escrito em 1926, que constitui-se como uma dessas produções. O livro é uma ficção científica que imagina um futuro onde a eugenia era aplicada de maneira abrangente na sociedade estadunidense. Pretende-se investigar como a conjuntura histórica da década de 1920 influenciou o discursos eugênicos presentes em *O Presidente Negro*. Para tal, contextualiza-se a situação da eugenia no Brasil e nos Estados Unidos até a década de 1920 e também as ligações de Monteiro Lobato com o movimento. Ao longo da pesquisa é argumentado que o romance é antes de tudo um fruto de seu tempo, período em que as ideias eugênicas eram amplamente difundidas entre a elite brasileira. Mas também é reflexo da tentativa de seu autor de publicar um livro e fazer sucesso nos Estados Unidos. Além disso, argumentava-se que *O Presidente Negro* foi um dos capítulos das disputas sobre os significados da eugenia e do debate racial no Brasil da década de 1920.

**Palavras-Chave:** O Presidente Negro; Eugenia; Monteiro Lobato; Estados Unidos; Brasil.

## ABSTRACT

In the last decades of the 19th century and until the middle of the 20th century, eugenics was one of the main topics of discussion among the world's intellectual elite. Eugenics was regarded by many of these intellectuals as science. Science that sought the improvement of the human species through biological principles. Constituted as a movement that sought to reform society, eugenics was in this period the object of several written productions of the intellectualized elite. Taking this theme into account, this work analyzes the novel *O Presidente Negro* by Monteiro Lobato written in 1926, which constitutes one of these productions. The book is a science fiction that imagines a future where eugenics was systematically applied in American society. It is intended to investigate how the historical conjuncture of the 1920s influenced the eugenic discourses present in *O Presidente Negro*. To this end, the situation of eugenics in Brazil and the United States until the 1920s is contextualized, as well as Monteiro Lobato's connections with the movement. Throughout the research, it is argued that the novel is, above all, a product of its time, a period in which eugenic ideas were widespread among the Brazilian elite. But it is also a reflection of the author's attempt to publish a book and be successful in the United States. In addition, it was argued that *O Presidente Negro* was one of the chapters in the disputes over the meanings of eugenics and the racial debate in Brazil in the 1920s.

**Keywords:** O Presidente Negro; Eugenics; Monteiro Lobato; United States; Brazil.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2. EM OPOSIÇÃO A EUROPA E OS ESTADOS UNIDOS, O DESENVOLVIMENTO DA EUGENIA NO BRASIL ATÉ A DÉCADA DE 1920</b>	<b>10</b>
2.1 NASCE A EUGENIA	10
2.2 A EUGENIA NOS ESTADOS UNIDOS	16
2.3 O CASO BRASILEIRO	2
<b>3. O PRESIDENTE NEGRO <i>E A EUGENIA</i></b>	<b>29</b>
3.1 MONTEIRO LOBATO E A EUGENIA	30
3.2 OS ESTADOS UNIDOS EM UM FUTURO EUGENIZADO	36
3.3 A EUGENIA, O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS EM O PRESIDENTE NEGRO	40
3.4 O PRESIDENTE NEGRO NOS JORNAIS	58
<b>4. CONCLUSÃO</b>	<b>63</b>
<b>FONTES</b>	<b>66</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>67</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1859 Charles Darwin publicou *A Origem das Espécies*, livro que revolucionou a maneira pela qual a biologia compreendia os seres vivos, mas que também forneceu as bases para Francis Galton criar a eugenia<sup>1</sup>. A eugenia era um movimento que tinha como objetivo o “melhoramento da raça” através do controle da reprodução humana. Como sistema de pensamento a eugenia defendia que existiam raças e indivíduos superiores geneticamente.

Fruto do pensamento da burguesia europeia do século XIX, a eugenia pressupunha que as raças não brancas eram inferiores, mas também determinava que a deficiência física, o alcoolismo, as doenças mentais, a pobreza e os desvios de caráter eram características que hereditárias que tornavam os seus “portadores” inferiores. Assim, a eugenia determinou que padrões étnicos, deficiência e determinados tipos de comportamento eram indesejáveis e degenerados. Esse pensamento colocava os europeus e seus descendentes como os protagonistas da história humana.

A eugenia foi, nas últimas quatro décadas do século XIX até meados do século XX, um dos temas mais relevantes para as elites mundiais. Ela não apenas foi discutida no campo das ideias como também foi colocada em prática. O exemplo mais extremado disso ocorreu na Alemanha nazista, onde os pensamentos eugenistas levaram a segregação, esterilização e morte de milhões de pessoas.

Porém, foi nos Estados Unidos em 1907 no estado da Indiana onde a primeira lei de esterilização, ou seja, onde a primeira lei eugênica entrou em prática. A eugenia foi defendida nos EUA por alguns dos homens mais poderosos do país, bem como foi apoiada por diversos intelectuais e foi objeto de pesquisa nas Universidades. O mais relevante disso é que ela teve força suficiente para tornar-se legislação em alguns estados do país. Por sua força entre as elites, a eugenia tornou-se parte essencial da história dos Estados Unidos, o que levou o país a ter um papel central no movimento eugenista mundial.

Entretanto, a eugenia na Europa e na América do Norte pregava que países com altos índices de miscigenação eram degenerados, isso porque a mistura racial, para eles, era fonte de degradação moral, física e psicológica. Para os eugenistas somente a reprodução de pessoas brancas e saudáveis entre si garantia uma boa prole. Por esse motivo, países como o Brasil eram vistos por esses pensadores com pessimismo, uma vez que os grandes índices de

---

1 Apesar da teoria da evolução darwiniana ser a base para o surgimento da eugenia, Darwin não concordava com as teses eugênicas.

miscigenação eram um péssimo prognóstico quanto ao futuro de uma nação.

A elite brasileira não deixou de ser influenciada pela eugenia. Todavia, a tese pessimista em relação a miscigenação tornava o desenvolvimento social e econômico do Brasil inviável, o que levou a intelectualidade nacional a criar uma interpretação diferente em relação ao movimento eugenista existente na América do Norte e na Europa. Interessada em criar uma maneira de tornar a nação viável, parte da elite brasileira tornou-se adepta de um modelo de reforma social que adotava a eugenia como uma maneira de resolver os problemas nacionais. Para isso teve que rejeitar o pessimismo em relação a miscigenação, bem como adotou um sistema de pensamento onde as reformas sociais para combater as doenças e a pobreza resolveriam os problemas sociais e econômicos do Brasil, esse pensamento ficou conhecido como higienismo.

Além disso, parte essencial da interpretação brasileira da eugenia era o branqueamento, através dele revertia-se a lógica que colocava a mistura racial como um fator degenerativo, ao interpretá-lo como a salvação para o país. Isso porque o branqueamento defendia que os brancos deveriam miscigenar-se com negros e indígenas para com o tempo tornar o Brasil um país branco<sup>2</sup>.

Era nesse contexto em que *O Presidente Negro* foi escrito por Monteiro Lobato. Como parte dessa elite que discutia assiduamente a eugenia, Lobato não deixou de ser influenciado por ela. O autor manifestou o seu apoio a eugenia higienista através da história do Jeca Tatu e de artigos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, Lobato foi um dos mais notáveis militantes do higienismo. Porém, a obra objeto dessa pesquisa *O Presidente Negro* apresenta outra visão eugênica, a perspectiva da eugenia norte-americana. No livro há a defesa da aplicação da eugenia em todas as esferas da sociedade, inclusive defende a esterilização de todos os tipos de pessoas consideradas “degeneradas” e o fim da história termina com a esterilização de todos os afro-americanos. Justamente por isso, *O Presidente Negro* é, nos dias atuais, uma obra polêmica.

Pelo caráter racial do livro, *O Presidente Negro* é uma obra relevante para as discussões contemporâneas sobre o racismo e sobre a figura de Monteiro Lobato enquanto um

---

2 O quadro a Redenção de Cam é um ótimo exemplo da teoria do branqueamento. A pintura expressa como através das gerações o Brasil tornar-se-ia um país branco. Nele há 4 pessoas de uma família: um homem branco, uma mulher negra, uma mulher mestiça e um bebe branco. A primeira é uma mulher negra que casou-se com um homem branco e que teve uma filha mestiça. A filha mestiça por sua vez casou com um homem branco e o filho deles nasceu com o todos os fenótipos (com todas as características físicas) da raça branca. Era dessa maneira que os defensores do branqueamento argumentavam que o Brasil tornar-se-ia branco através das gerações.

dos mais famosos escritores do país. Uma análise histórica sobre como a obra do autor foi influenciada pelos pensamentos hegemônicos, nesse caso a eugenia, é relevante para compreender não só de que maneira as discussões contemporâneas a Lobato o afetaram mas também é parte de um esforço para interpretar as visões de mundo que a elite econômica do Brasil tinha nas primeiras décadas do século XX. Além disso, a pesquisa histórica sobre autores ou temas polêmicos na contemporaneidade ajuda a acrescentar uma visão de historicidade sob as obras e autores, evitando assim anacronismos em relação as interpretações atuais sobre esses assuntos.

Por ser uma obra literária *O Presidente Negro* não é necessariamente uma expressão do pensamento de seu autor. Mas é inevitavelmente um texto influenciado pela época em que foi escrito, as discussões e temas presentes no livro eram fruto dos debates que existiam na década de 1920, período de sua publicação. Lobato era um homem de seu tempo e como tal era influenciado pelas discussões contemporâneas a sua vida. Na década de 1920 a eugenia era uma delas e como um homem que dedicou parte da sua vida a busca de uma maneira desenvolver o Brasil a eugenia tornou-se para ele uma das soluções para esse fim.

Para essa pesquisa considera-se que mais relevante do que decretar se Monteiro Lobato era racista, é entender sob quais circunstâncias históricas o autor escreveu o livro e como o mesmo foi influenciado pelos debates da época. Especialmente no que refere-se a comparação entre o Brasil e os Estados Unidos que foram objetos de discussão em *O Presidente Negro*. Para atingir esse objetivo pretende-se analisar o desenvolvimento das teorias raciais no mundo, e especialmente nos Estados Unidos e no Brasil até a década de 1920. Também pretende-se investigar como a biografia de Monteiro Lobato inseria-se nesse contexto.

Com este propósito, será analisado as ligações de Lobato com a eugenia, usando como fonte principal o livro *O Presidente Negro*. Além disso, para complementar a análise a presente pesquisa utiliza-se de artigos escritos pelo autor no jornal *O Estado de S. Paulo*, a história de Jeca Tatu, trechos de cartas que o autor trocava com Godofredo Rangel e, por fim, críticas e propagandas nos jornais de época referentes ao *O Presidente Negro*.

Esta pesquisa está organizada em dois capítulos. O primeiro refere-se a uma contextualização histórica do movimento eugenista. Para isso, o início do primeiro capítulo tratará das origens da eugenia como sistema de pensamento e como o contexto histórico do século XIX influenciou esse fenômeno. O segundo subtítulo do capítulo tratará do

desenvolvimento da eugenia nos Estados Unidos até a década de 1920. Por fim, a terceira parte do capítulo dedica-se a contextualização histórica do movimento eugenista no Brasil até da década de 1920 levando em consideração as particularidades que o movimento apresentou no Brasil (e, no geral, no restante da América Latina) em relação a Europa e a América do Norte.

Partindo da contextualização histórica, o segundo capítulo dedica-se a análise de fontes. Com o objetivo de contextualizar a análise de *O Presidente Negro*, a primeira parte do segundo capítulo tratará da biografia de Lobato e da ligação o autor com o movimento eugênico. O segundo subcapítulo dedica-se a um resumo do *O Presidente Negro* a fim de apresentar aos leitores a história presente no romance. A partir disso, a terceiro item do capítulo dedica-se a análise dos discursos eugênicos presentes no livro. Por fim, a última parte do capítulo refere-se a análise das críticas e da propaganda ao *O Presidente Negro* feita nos jornais de época, em um esforço de compreender como a elite letrada da época repercutiu a publicação do livro, bem como as expectativas em torno dele e como as ideias eugênicas presentes no livro foram recebidas por essa parte da elite.

## **2. EM OPOSIÇÃO A EUROPA E OS ESTADOS UNIDOS, O DESENVOLVIMENTO DA EUGENIA NO BRASIL ATÉ A DÉCADA DE 1920**

### **2.1 NASCE A EUGENIA**

Como defende Edwin Black (2003) apesar do ódio, da xenofobia e da inimizade existirem em quase todas as culturas ao longo da história, essas hostilidades demoraram milênios para serem racionalizadas a partir do método científico. Podemos considerar que a eugenia é consequência da modernidade europeia e do pensamento científico oriundo desse período. Assim, como sistema de pensamento a eugenia tem as suas origens na Europa, fruto de uma nova forma de pensar a natureza e os seres vivos, a eugenia valeu-se da interpretação do mundo surgida no século XIX, onde a vida humana passou cada vez mais a ser entendida como resultado de leis biológicas (STEPAN, 2005, p. 29).

Mais que isso, a eugenia pode ser entendida como fruto das ideias sobre natureza e sociedade construídas pelo pensamento ocidental ao longo dos séculos e que teve o seu estopim na era industrial, sendo assim, uma invenção burguesa. Naquele período, a burguesia baseava-se nas ideias da biologia sobre a hereditariedade como meio de consolidar o seu poder econômico que havia sido conquistado recentemente, ao traduzir o direito de sangue exercido anteriormente pela nobreza em termos biológicos e científicos. A partir daí eles passaram a estabelecer outro tipo de hierarquia na qual coisas como raça, classe social e cultura se tornaram indicadores de superioridade (DIWAN, 2020, p. 21-31).

Nesse sentido, a burguesia utilizou-se da eugenia como forma de criar distinções entre os seres humanos colocando a culpa das desigualdades, que eram consequência da organização social (como a pobreza), para a esfera da natureza a qual determinava hereditariamente distinções entre a humanidade os diferenciando de maneira hierárquica como superiores ou inferiores. Assim, apesar de haver a ideologia liberal consolidada a partir da Revolução Francesa na qual teoricamente todos os seres humanos nasciam iguais e teriam naturalmente os mesmos direitos, a biologia evolucionista sob o viés do eugenismo criou distinções entre diversas categorias humanas sob o prisma da hereditariedade.

A ligação da eugenia/racismo científico com a burguesia também está relacionada com a legitimação ideológica do imperialismo do século XIX e XX. Uma vez que a noção de que existiam povos inferiores e que esses povos eram os de pele escura ofereceu legitimidade aos processos coloniais que foram implementados na Ásia e na África naquele período.

Assim, a lógica eugênica estava ligada ao imperialismo. Desse modo, podemos dizer que no século XIX os não europeus e suas sociedades passaram a ser tratados como inferiores, indesejáveis, fracos e atrasados e, em alguns casos, como infantis, por isso eles eram vistos como objetos sujeitos à conquista ou a conversão aos valores de uma sociedade europeia (HOBSBAWN, 2020, p. 128).

Mas para além de considerar os povos colonizados como inferiores, a eugenia estabeleceu critérios de distinção entre grupos populacionais das metrópoles. Por isso, a eugenia passou a ser uma maneira de distinção não só entre as populações externas aos países colonizadores como também entre a própria população da metrópole, segundo critérios de marcadores que eram tidos como hereditários tais como o pauperismo, o alcoolismo, deficiência física, desvios de caráter, doenças mentais, etc.

Por isso, a eugenia ajudou a criar novas formas de distinção de classe diante de um contexto onde o liberalismo pregava a igualdade jurídica entre todos os seres humanos. Era uma maneira de criar diferenciações biológicas que quase sempre tinham um caráter de classe, uma vez que a maioria dos considerados degenerados eram pobres. Desse modo, a parte da burguesia que era partidária do movimento conseguiria justificar um tratamento desigual entre os indivíduos com a argumento de que estas distinções eram biológicas. Suplantado o antigo regime e seu sistema de estamento, a burguesia criou outra forma de demarcação social que apesar de estar frequentemente ligada a classe social nem sempre dependia dela para existir.

Nesse contexto, o livro *A Origem das Espécies* de Charles Darwin (1809-1882), publicado em 1859, foi fator essencial para o surgimento da eugenia, uma vez que Francis Galton (1822-1911), um inglês considerado pai da eugenia, obteve o seu embasamento teórico a partir da teoria da evolução<sup>3</sup>.

De fato, a teoria da evolução darwiniana foi elemento essencial para a criação da eugenia, mas é necessário considerar também a conjuntura histórica pelo qual a Inglaterra passava no século XIX que criou as condições nas quais essa teoria eugênica emergiu. Naquele século aconteceu a Comuna de Paris, junto com a emergência das ideologias de esquerda na Europa; com o crescimento das cidades o perigo sanitário foi colocado como sinônimo de pobreza o que levou os biólogos a considerar algumas regiões da Inglaterra que eram tidas sujas e pobres, onde moravam operários e imigrantes vindos de colônias inglesas,

---

3 Francis Galton era primo de Darwin.

como lugares degenerados. Esse contexto criou a consideração de que era necessário evitar a degeneração no país e controlar as massas (DIWAN, 2020, p. 33)

Foi diante dessa conjuntura que o livro *Hereditary Genius* (Gênio Hereditário) surgiu em 1869<sup>4</sup>. No texto considerado fundador da eugenia, Francis Galton defendia que a hereditariedade não transmitia apenas o fenótipo, mas também as qualidades mentais, emocionais e criativas dos seres humanos (BLACK, 2003, p. 59). Galton procurou provar, através deste livro, que a capacidade humana era fruto da hereditariedade e não da educação (SCHWARCZ, 1993, p. 79)<sup>5</sup>. Por isso, uma política para promover a melhora do contexto social, no sentido de oferecer mais oportunidades para o desenvolvimento de um indivíduo ou coletividade, não era um fator eficiente para melhorar as habilidades de um sujeito ou grupo, uma vez que eles têm a sua capacidade determinada hereditariamente<sup>6</sup>.

Além disso, Galton concluiu que o cruzamento com pessoas de “sangue ruim”, ou seja, com características consideradas indesejáveis para os padrões europeus, não era a solução para a melhora de uma linhagem. Mas que esse fator era potencialmente degenerativo, uma vez que as características adquiridos por essa “mistura” poderiam aumentar os traços indesejáveis em vez de gerar predominância das qualidades desejáveis. Assim, a solução para esse problema não era a mistura uma vez que, para Galton, ela geraria cada vez mais indivíduos “defeituosos”. O correto a se fazer era apenas a reprodução de humanos bem-dotados. Entretanto, ao contrário das medidas impositivas como a proibição do casamento entre os “indesejáveis”, a esterilização compulsória e o extermínio que muitos eugenistas defenderam posteriormente, Galton advogava para uma eugenia não impositiva<sup>7</sup>.

---

4 Inclusive, de acordo com Pietra Diwan, foi a insalubridade em Londres que levou Galton a desenvolver a eugenia.

5 Exemplo de como a elite letrada incorporou essa tese é o romance de Tarzan. Criado desde bebê entre os macacos e sem contato com humanos durante boa parte da sua vida, Tazan era descrito como uma pessoa inteligente e criativa. Tarzan conseguiu aprender sozinho a ler e escrever em inglês somente baseando-se nos livros que encontrou na cabana de seus pais, tanto que no livro é justificado que esse aprendizado aconteceu como consequência da hereditariedade. Além disso, ao encontra-se com um grupo de africanos que são descritos como canibais, Tarzan teve a oportunidade de comer carne humana quando estava com fome, mas ao contrário dos africanos, mesmo não tendo uma educação moral contra esse tipo de ato, Tarzan tinha uma repulsa natural ao canibalismo.

6 Uma das vertentes do eugenismo, o higienismo desenvolveu uma ideia contrária ao que defendia Galton, uma vez que o higienismo acreditava que a melhora do ambiente em que o indivíduo vive e não o controle da hereditariedade é fator essencial para a melhora da sociedade como um todo. Como será discutido posteriormente, o higienismo como ideologia e movimento teve bastante repercussão na América Latina como uma “alternativa” para o eugenismo predominante em parte da Europa e na América do Norte, uma vez que as problemáticas que o eugenismo colocava sobre a miscigenação disseminada na América Latina levou a região a pautar novas interpretações da eugenia a partir da realidade que se tinha nesses locais.

7 Galton defendia que a eugenia fosse uma doutrina e crença que ordenasse os casamentos.

Apesar do livro *Hereditary Genius* ter sido publicado em 1869, Galton somente criaria o termo eugenia, que daria nome ao movimento que procurava o “melhoramento da raça”, em 1883. A própria palavra eugenia explicita o que o movimento defende, inspirada na palavra grega *eugen-s* que significa “bem-nascido” a eugenia, de maneira geral, pautou-se em uma defesa da reprodução dos seres humanos “bem-dotados” hereditariamente e no desencorajamento ou proibição da reprodução dos indivíduos “malnascidos”.

Porém, como destaca Nancy Stepan, quando foi “inaugurado”, o termo eugenia, ela não era uma ideia nova, uma vez que os europeus já destacavam que os gregos praticavam uma forma dela ao eliminar indivíduos “inadequados”. Além disso, os padrões de beleza, os exemplos de força na Grécia Antiga e as regras de higiene e a profilaxia oriundas dos hebreus foram fonte de inspiração para os princípios eugenistas (DIWAN, 2020, p. 21)<sup>8</sup>. A grande novidade, como destacado no início do texto, é que a eugenia moderna estava ligada a ideia científica de hereditariedade e é resultado de um processo longo de transformação intelectual e social que se desenvolveu no século XIX. Além de representar uma ideologia que tinha influência na vida social das populações, uma vez que tinha como finalidade controlá-las.

Intrinsecamente ligado a eugenia estava o darwinismo social, cujo princípio era aplicar as leis do evolucionismo darwiniano nos grupos humanos<sup>9</sup>. Essencial para o próprio desenvolvimento da eugenia e sua base teórica, a teoria da evolução de Darwin serviu como uma orientação para pensar como as sociedades humanas deveriam “aprimorar-se” a partir da biologia ao criar uma seleção entre o *Homo Sapiens* feita de maneira ordenada, seja compulsoriamente através do poder estatal ou como uma doutrina a partir de pressupostos científicos<sup>10</sup>.

Junto ao darwinismo social havia duas vertentes deterministas: em primeiro lugar, a vertente do determinismo geográfico que defendia que o desenvolvimento cultural de um país estava condicionado pelo seu ambiente, o qual influenciava o desenvolvimento humano fisiológico e psicológico. Em segundo lugar, o determinismo racial que via a miscigenação de modo pessimista, uma vez que para essa vertente as raças eram fenômenos acabados em si e a mistura geraria um desequilíbrio biológico. Os teóricos da raça partiram de três afirmações

---

8 Segundo a autora, os padrões de beleza gregos foram a base para a aferição de saúde física e mental dos eugenistas.

9 Como será discutido adiante, apesar de boa parte da eugenia usar a teoria da evolução darwiniana como base teórica, na América Latina a teoria lamarckiana da evolução foi predominante nos discursos intelectuais.

10 O darwinismo social não foi criado por Darwin a partir da sua teoria da seleção das espécies, mas sim uma interpretação feita por terceiros inspirada em sua teoria evolucionista.

básicas para fundamentar teoricamente as diferenças entre as elas:

A primeira tese afirma a realidade das raças estabelecendo que existiria entre as raças humanas a mesma distância encontrada entre o cavalo e o asno, o que pressupunha também uma condenação ao cruzamento racial. A segunda máxima instituía uma continuidade entre caracteres físicos e morais, determinando que a divisão do mundo entre raças corresponderia a uma divisão entre culturas. Um terceiro aspecto desse mesmo pensamento determinista aponta para a preponderância do grupo 'racio-cultural' ou étnico no comportamento do sujeito confirmando-se enquanto uma doutrina de psicologia coletiva, hostil à ideia do arbítrio do indivíduo (SCHWARCZ, 1993, p. 78).

Foram justamente essas ideias sobre a raça que justificaram a submissão ou a eliminação do que eram consideradas raças inferiores através do darwinismo social – a eugenia. São elas o fundamento para pensar como a ciência, entre meados do século XIX até mais ou menos a metade do século XX, baseou os seus pressupostos para pensar as diferenças raciais como categorias racionalmente determinadas através de processos biológicos que as colocavam em desigualdade. Essas são as bases pelas quais os europeus e seus descendentes se autodenominaram como a raça mais biologicamente desenvolvida, foi a partir delas que eles determinaram o seu papel de protagonistas na espécie do Homo Sapiens.

Assim, por reconhecer a hierarquia entre as raças, a eugenia, como movimento, defendia que a reprodução humana, e, portanto, a sua composição hereditária fosse administrada racionalmente e cientificamente. Ela também trouxe novas ideias sociais e políticas, tais como a seleção de indivíduos considerados hereditariamente inadequados e a aplicação de métodos para o controle da reprodução desses inadequados (STEPAN, 2005, p. 9).

Apesar da eugenia ter sido vista como perfeitamente plausível para alguns círculos intelectuais, faltava a ela especificações. E foi nos primeiros anos do século XX, que a teoria da hereditariedade de Gregor Mendel (1822-1884) foi redescoberta por William Bateson (1861-1926) que denominou a área como campo da genética. Apesar de Mendel ter publicado a sua teoria da hereditariedade cronologicamente próxima de Darwin, não obteve a mesma repercussão<sup>11</sup>.

---

11 É importante também destacar outra ideia evolucionista e hereditária que teve influência entre os eugenistas e que ganhou mais força depois da “redescoberta” da genética mendeliana: as ideias de Friedrich Leopold August Weismann que em 1890 debruçou-se sobre as questões da hereditariedade e da evolução. A sua teoria sobre a continuidade do “plasma germinativo” defendia que parte de cada célula transportava material hereditário.

Entretanto, como a teoria de Mendel baseava-se no estudo das ervilhas<sup>12</sup>, os defensores da eugenia galtoniana na Grã-Bretanha não acreditavam que isso poderia ser facilmente transportado para explicar o Homo Sapiens, uma vez que o mesmo era um organismo mais complexo do que outras espécies vegetais e animais. Isso porque os seres humanos como capazes do raciocínio eram variáveis e imprevisíveis para serem reduzidos a um estudo de horticultura. Para o Sapiens, o ambiente e as condições da existência eram indissociáveis do seu desenvolvimento (BLACK, 2003, p. 74-6). Além disso, nos primeiros anos do século XX, a maioria dos eugenistas admitiam que as suas ideias ainda não tinham provas e desenvolvimento suficiente para serem chamadas de ciência.

Embora a eugenia tenha gerado inicialmente uma desconfiança em alguns intelectuais sobre a sua consistência teórica e empírica, ela passou a ser vendida por seus defensores como ciência e foi esse fator um dos responsáveis pela eugenia ter adquirido importância para a história mundial. Isso porque,

A ciência adquire peso político no mundo moderno por apresentar-se conceitualmente como uma forma de conhecimento neutra, empírica, secular e (por ser singularmente objetiva) singularmente confiável. Por conseguinte, as conclusões ou políticas sociais baseadas na ciência, derivadas do conhecimento de uma forma lógica tal que outras ideias sociais não chegariam jamais a alcançar. Ao investigar a vida social e propor políticas sociais em nome da ciência da hereditariedade, os eugenistas apelaram implicitamente para este tipo de autoridade cognitiva (STEPAN, 2005, p. 75).

Assim, ao advogar que a eugenia fazia parte do escopo científico, os eugenistas passaram a adquirir legitimidade para o seu movimento enquanto uma cruzada logicamente justificável tanto do ponto de vista racional quanto do ponto de vista social, ao atribuírem a eugenia o papel de um conhecimento essencialmente neutro e plausível.

Todavia, é necessário considerar, como defende Nancy Leys Stepan, que, pelo menos, até o final do século XIX, existia uma repulsa moral no controle da reprodução humana, o que impedia que a eugenia entrasse em ação. Entretanto, essa atitude começou a mudar no final do oitocentos, uma vez naquele contexto havia uma competição econômica entre as nações e emergiam demandas de grupos marginalizados, como a classe operária e as feministas, que desafiavam a manutenção do *status quo*. Assim, passou-se a crescer pessimismo em relação a modernidade por parte das elites. Esse contexto criou um ambiente favorável para a “o desenvolvimento de um modelo científico de reforma”. Em lugar da evolução, a principal

12 Mendel utilizou ervilhas para explicar os princípios hereditariedade.

metáfora da época passou a ser a ‘degeneração, cuja causa se atribuía alternadamente a vício, crime, imigração, trabalho feminino e ambiente urbano’” (BLACK, 2003, p. 31-2).

## 2.2 A EUGENIA NOS ESTADOS UNIDOS

Apesar de ter surgido na Europa, a eugenia somente ganharia força como movimento e como prática nos Estados Unidos, onde tem-se notícia dos primeiros processos de esterilização dos “degenerados”<sup>13</sup>. Segundo Edwin Black, Galton e os seus seguidores britânicos defendiam que a eugenia não tinha evidências científicas necessárias para tornar-se uma política pública e que a genética mendeliana baseada no seu estudo sobre as ervilhas não poderia ser automaticamente transportada como regra para seres humanos. Porém, os eugenistas americanos haviam se convencido de que as pessoas de diferentes raças e etnias eram uma praga, hereditariamente falando, e que era necessário fazer uma limpeza eugênica no país. Assim, quando os estudos das ervilhas de Mendel apareceram nos EUA em 1900, os intelectuais da eugenia misturaram os princípios de Mendel com o ódio racial e social e o transformaram em ciência (BLACK, 2003, p. 79-82)<sup>14</sup>.

No início do século XX, o movimento eugenista ganhou força através de alguns dos homens mais ricos e poderosos dos Estados Unidos, a partir daí iniciou-se uma campanha para controlar e segregar as classes raciais, étnicas ou sociais “indesejáveis”. As características indesejáveis eram consideradas hereditárias tais como o pauperismo, a pobreza, ser negro, ser judeu, o alcoolismo, as doenças mentais, a cegueira, ser mexicano, ser nativo americano, a epilepsia, ser criminoso e qualquer outro atributo não que não se enquadrava no ideal nórdico de raça, saúde, classe e comportamento<sup>15</sup>. Assim, podemos considerar que a

---

13 Para o pensamento eugênico os degenerados eram todos os indivíduos que carregavam características hereditariamente indesejáveis.

14 Segundo Susan-Marry Grant, as origens da identidade branca nos Estados Unidos está relacionada com os conflitos com os indígenas no processo de colonização. Uma vez que a partir do momento em que os ameríndios foram colocados como inimigos criou-se a base para a identidade branca americana que fundamentava-se na presença de povos não brancos. Assim, o processo de conflitos de brancos e indígenas criou as bases para a divisão entre negros e brancos nos EUA. Apesar desse processo não ser o mesmo do que entendemos como racismo atualmente, com o tempo se consolidou com parâmetros raciais e étnicos. Levando em consideração a argumentação da autora, podemos pensar que o darwinismo social e a eugenia nos Estados Unidos tiveram como uma das suas bases essa identidade branca advinda do processo colonial. Sobre isso ler: GRANT, Susan-Marry. **História concisa dos Estados Unidos da América**. Trad. José Ignacio Coelho Mendes Neto. São Paulo: Edipro, 2014.

15 Sobre a pobreza os eugenistas que seguiam a vertente do mendelismo acreditavam que ela era indicativa de uma hereditariedade defeituosa. Todavia, em locais, como na América Latina, onde predominavam interpretações higienistas da eugenia, a questão da pobreza não vai ser vista como necessariamente resultado de um fator genético, mas como fruto do ambiente em que aquele indivíduo está inserido.

“eugenia era nada menos que a aliança entre o racismo biológico e o poder, o status e a riqueza americana contra os mais vulneráveis os mais marginais e os menos poderosos da nação.” (BLACK, 2003, p. 120). De acordo com Edwin Black, essa campanha nos Estados Unidos tinha como objetivo criar uma super raça que tivesse domínio sobre as demais.

Membro dessa elite, o zoólogo Charles Davenport (1866-1944), respeitado intelectual formado por Harvard, tornou-se o mais importante defensor da eugenia nos EUA. Davenport acreditava que a inferioridade era um traço (gene) dominante no mendelismo, portanto a superioridade era um traço (gene) recessivo<sup>16</sup>. Assim, mesmo que o ambiente que um indivíduo vivesse possibilitasse a ele tornar-se superior, os seus filhos seriam uma ameaça biológica, uma vez que pelas leis da genética sendo a inferioridade um traço dominante ela prevaleceria na prole desse sujeito independentemente do ambiente que ele vivesse ou se um dos pais fosse geneticamente superior.

Naquele contexto, os Estados Unidos tinham o ambiente ideal para a propagação da eugenia como ideia e como prática, uma vez que o contexto social do período favoreceu o pavor das elites com o futuro do país e foi justamente essa elite que propagou e a financiou enquanto movimento.

Isso porque, entre a última década do século XIX e a década de 1920, os EUA presenciou uma grande leva de imigrantes e refugiados que vinham ao país em busca de uma vida melhor, entre eles existiam luteranos alemães, católicos da Irlanda, judeus russos e eslavos ortodoxos. Um dos maiores problemas desses grupos para as elites locais dos Estados Unidos era que eles não se integravam a sociedade estadunidense.

Além disso, nesse período havia um aumento do ódio racial causado por diversos fatores, tais quais a exploração dos índios nas reservas; a grande quantidade de mexicanos que

---

16 Ao recebermos os genes dos nossos pais expressamos as características de acordo com a composição genética de nossos progenitores. Representado em letras podemos conceber o seguinte: o “gene da inferioridade” sendo ele dominante pode ser expressado como um “A” maiúsculo enquanto o da “superioridade” pode ser representado por um “a” minúsculo, quando um gene é dominante ele prevalece sobre o recessivo. Os seres humanos costumam receber mais ou menos metade do DNA de origem paterna e outra metade de origem materna, o que faz com que as características sejam determinadas pela junção da genética dos pais. Desse modo, segundo o raciocínio de Davenport, se um dos pais possui a junção “A + A” e outro possui os genes “a + a”, a chance de deter filhos “inferiores” é de 100%; se tivessem a junção “A + a” e “A + a” a chance de terem filhos “inferiores” é de 75%, sendo assim, a chance de terem a característica “superior” de apenas 25%; e no caso dos pais terem a junção “A+a” e “a +a”, é de 50% para filhos com a característica “inferior” e de 50% para a característica “superior”. Assim, no caso exemplificado por Devenport onde a inferioridade seria um traço dominante, a possibilidade de nascerem filhos com essa característica era grande. Por isso, a única conjunção que garantiria a prevalência do gene “superior” é a seguinte: “a + a” e “a + a” que resulta no nascimento de 100% da prole com a caraterística “superior”.

foram absorvidos depois da guerra entre o México e os Estados Unidos, na qual o México perdeu boa parte das suas terras para os EUA; os afro-americanos que apesar de não viverem mais no contexto escravocrata não foram absorvidos na sociedade e foram submetidos as leis de Jim Crow que estabeleceram um apartheid entre os negros e os brancos<sup>17</sup>. Além disso, a Chinese Exclusion Act (1882) proibiu a imigração de trabalhadores chineses na Califórnia e impediu a naturalização de quem já estava nos EUA<sup>18</sup>. Ademais, a alteração dos costumes sexuais e o trabalho das mulheres foram fatores que acrescentaram a esse temor social por parte das elites (STEPAN, 2005, p. 35).

E apesar dos brancos serem considerados superiores nem todos eram tidos como desejáveis para os eugenistas, o que se chamava de “lixo branco” eram definidos como portadores de uma ou mais características genéticas degeneradas e, portanto, não faziam parte do ideal nórdico difundido pelos eugenistas norte-americanos. Conseqüentemente, existiam “classes” de brancos consideradas inferiores pelos eugenistas nos EUA.

Por isso, o racismo não se dava apenas entre brancos e negros e indígenas, mas exercia-se contra todos os que não eram considerados nórdicos, como os americanos descendentes de famílias escocesas e irlandesas principalmente das classes baixas que eram vistas como ameaça biológica pela sua ascendência mediterrânea<sup>19</sup>. Assim, a ideia de purificação social nos EUA não era exclusivamente étnica ou racial, uma vez que a preocupação principal dos eugenistas norte-americanos era eliminar os indesejáveis tanto do ponto de vista biológico, como do psicológico e social. Um cidadão americano ideal para os padrões da eugenia deveria ser anglo-saxão, branco, saudável e produtivo (DIWAN, 2020, p.

17 A definição racial nos EUA é diferente do Brasil, nos Estados Unidos não existe um “meio termo” entre negro e branco, como a categoria racial definida como pardo no Brasil. Nos Estados Unidos desde que um sujeito tenha ascendência negra ele é considerado negro independente do fenótipo pela regra de “uma gota de sangue”, ou seja, independente do quanto os traços de uma pessoa remetam a sua afrodescendência. Assim, diferente das pessoas com a pele mais clara e com menos traços afro que são classificadas como pardas ou das pessoas que têm ascendência negra mas não têm traços afro e são consideradas como brancas no Brasil, nos EUA todas elas são classificadas como negras desde que tenham uma ascendência oriunda da África subsariana. Entretanto, no Brasil apesar da definição do pardo ser utilizada majoritariamente e ainda ser uma classificação oficialmente usada, por exemplo, pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ela tem sido contestada pelo Movimento Negro que reivindica que os pardos sejam considerados como negros.

18 Quanto a imigração dos “indesejáveis”, os eugenistas a viam como fonte de degradação nos Estados Unidos, assim, o combate a imigração dos “inadequados” era umas das principais bandeiras dos eugenistas, que consideravam essa questão essencial para limpar os EUA dos geneticamente degenerados.

19 O preconceito racial aliado à classe social era um fator que acrescentava um grau a mais de degeneração a um indivíduo. Mas apesar de a pobreza ser um elemento que influenciava na rejeição dos eugenistas ao chamado “lixo branco”, brancos que não se encaixavam no ideal eugênico, mesmo que parte da elite da época e de acordo com os padrões de saúde pregados pelo eugenismo, eram vistos como uma ameaça.

54).

Esse contexto histórico uniu-se com a Primeira Guerra Mundial que com o seu término deixou os EUA com uma agitação nos setores étnico, econômico e demográfico. Como consequência do fim da guerra as indústrias demitiram milhões; os soldados que retornaram da guerra precisavam de trabalho, o que aumentou o desemprego; aliado a essa conjuntura havia inflação e grandes greves trabalhistas. Além disso, muitos dos jovens que foram para guerra e que antes moravam no interior mudaram-se para as cidades. Junto a isso havia a imigração que cresceu muito no pós-guerra e que levava as pessoas a concentrar-se ainda mais nos centros urbanos gerando uma pressão demográfica nas cidades. Assim, no início da década de 1920, os Estados Unidos tornaram-se, pela primeira vez, um país majoritariamente urbano (BLACK, 2003, p. 311).

Ademais, nesse mesmo período os conflitos envolvendo questões étnicas, raciais e políticas tornaram-se mais acentuados nas cidades. Na época, a Ku Klux Klan ganhava cada vez mais destaque e o bolchevismo era alvo e preocupação tanto do governo quanto dos cidadãos. Desta forma, o início dos anos 1920 nos Estados Unidos foi marcado por um contexto social onde havia um medo generalizado sobre o futuro da sociedade americana, o que estimulou projetos que visavam a reforma da sociedade, tal qual a eugenia (BLACK, 2003, p. 311-2).

Aproveitando-se desse contexto histórico e com a ajuda das elites estadunidenses, a eugenia passou a ser institucionalizada não apenas nas áreas científicas, como nas universidades, mas também a virar lei em diversos estados e com isso foi capaz de possibilitar a esterilização compulsória de milhares de pessoas<sup>20</sup>.

Assim, foi justamente na década de 1920 que o eugenismo teve o seu triunfo nos Estados Unidos, uma vez que foi nesse período em que as “Leis de esterilização foram aprovadas e defendidas pela Suprema Corte; [...] um gigantesco aparato institucional financiado por grandes corporações industriais divulgou a eugenia aos quatro cantos do mundo” (DIWAN, 2020, p. 63).

Particularmente, a esterilização como prática legal surgiu pela primeira vez nos EUA no estado da Indiana em 1907, já nesse ponto, os eugenistas lutavam para replicar a legislação

---

20 Segundo Edwin Black, apesar de os eugenistas estadunidenses terem conseguido tornar a esterilização não consensual legal em diversos estados, essas leis eram consideradas pelos seus opositores como inconstitucionais. Sendo que algumas pessoas defendiam que a esterilização compulsória só seria constitucional em algumas situações para criminosos.

desse estado em todo o país<sup>21</sup>. Apesar de ser legal em algumas localidades, a esterilização sofria resistência de parte dos funcionários dos estados, uma vez que as consequências dela eram irreversíveis.

Entretanto, com a conclusão do caso *Buck vs. Bell* definido pela suprema corte dos Estados Unidos, o caminho para a legalização da esterilização em outros estados passou a se tornar mais eminente. No fim do processo, Carrie Buck, acusada de ser débil mental, foi condenada à esterilização em 1927. A partir da decisão da justiça, os governos que estavam esperando pela sentença promulgaram leis de esterilização, o que totalizou vinte e nove estados na lista dos que legalizavam a esterilização compulsória<sup>22</sup>.

Como vítimas, a esterilização atingia principalmente os considerados como débeis mentais, insanos, criminosos e pobres, dos quais grande parte eram negros. Já em 1940 mais de 35 mil pessoas foram esterilizadas ou castradas, das quais quase 30 mil foram vítimas depois do caso *Buck vs. Bell* (BLACK 2003, p. 217).

Longe de ser consenso na sociedade estadunidense, a eugenia e as suas práticas como a segregação, a esterilização e o controle matrimonial eram vistas como negativas pela maioria da população. Especialmente pelos católicos que consideravam o controle da reprodução como uma prática contrária aos princípios religiosos<sup>23</sup>.

Além de ter a aceitação da sociedade, a eugenia precisava de validação do ponto de vista científico e desenvolver métodos capazes de identificar os indesejáveis como o débil mental e o criminoso<sup>24</sup>. E de fato, a eugenia conseguiu apresentar-se como ciência que era reconhecida, especialmente pelos médicos. Apesar de não ter uma grande massa de adeptos

---

21 Por mais que pareça que a eugenia era um dos temas de debate generalizado na época, a maioria da população ficava alheia até mesmo a existência dessa lei em Indiana, os esforços políticos para a institucionalização da eugenia no Estado de Direito americano eram feitos por alguns membros da elite.

22 Por estar focada na reprodução humana, a eugenia estava ligada a questões de gênero. Nancy Stepan argumenta que os eugenistas tinham uma preocupação especial com as mulheres, já que eles consideravam que ela (a eugenia) era mais definitiva no papel social das mulheres do que dos homens. Como as mulheres naquele contexto eram mais vulneráveis e mais dependentes dos homens, levava a crença de que o controle ou administração da hereditariedade, pautado no monitoramento da reprodução, através das mulheres parecesse algo mais urgente e factível.

23 Como será destacado posteriormente, o fato de na América Latina existir uma população majoritariamente católica foi um dos fatores que levou a uma rejeição maior a ideia e aplicação dos processos impositivos da eugenia na reprodução e no controle matrimonial que eram vistos como uma prerrogativa divina e não dos homens. Na Europa o mesmo princípio era verdadeiro, uma vez que os países com maioria católica apresentavam uma resistência maior à aplicação da eugenia.

24 Para catalogar e servir como um guia para a aplicação de métodos impositivos, como a esterilização, o movimento eugênico nos EUA reuniu diversos dados sobre as famílias e indivíduos a fim de classificá-los de acordo com as ideias do movimento. Para os eugenistas a genealogia era um fator essencial para esse tipo de classificação, uma vez que permitia identificar os desejáveis e os indesejáveis a partir de sua ascendência.

entre a população, a eugenia nos EUA se tornou uma doutrina aceita nas Universidades do país, uma vez que os eugenistas estavam envolvidos com as mais diversas áreas do conhecimento relacionadas à eugenia nos departamentos das universidades estadunidenses, como biologia, zoologia, ciências sociais, psicologia e antropologia.

As ideias dos eugenistas, notavelmente de Davenport, eram objetos de estudo nas Universidades e se tornaram corriqueiras nas principais publicações médicas e entre os burocratas<sup>25</sup>. Assim, “Os homens e as mulheres da eugenia manejavam a ciência. Recebiam o apoio das melhores universidades nos Estados Unidos, eram aprovados pelos mais brilhantes pensadores, financiados pelos mais ricos capitalistas.” (BLACK, 2003, p. 194).

Muito mais do que uma discussão intelectualizada das elites sobre a ciência, a eugenia passou a afetar a população estadunidense como uma realidade concreta. Apesar de sua prática ficar muito aquém do que queriam os eugenistas, uma vez que o seu objetivo era afetar toda a humanidade, os EUA serviram como exemplo para eugenistas do mundo todo, ao conseguirem levar a eugenia a ser praticada especialmente no campo do direito a reprodução e prestou como um exemplo de parte do que seria possível adquirir através da defesa do aprimoramento da raça.

Uma retrospectiva da história da eugenia nos Estados Unidos pode nos dar um vislumbre de como o movimento adquiriu uma força política estrondosa no país, uma vez que ele foi pauta essencial para a intelectualidade e também para o direito do país ao tornar-se parte da legislação de diversos estados e ao incorporar-se como pauta nas principais instituições científicas estadunidenses. Muito mais do que apenas uma ideia, a eugenia é parte essencial da história dos Estados Unidos. Por isso mesmo, os Estados Unidos tornaram-se, pelo menos até a ascensão da Alemanha nazista, o país central para o movimento eugenista no mundo, nem mesmo a Inglaterra, berço da eugenia, teve uma influência do movimento tão grande quanto nos EUA.

### 2.3 O CASO BRASILEIRO

Thomas E. Skidmore (1976) comenta que antes do clímax da abolição da escravidão no Brasil a maior parte da elite dava pouca atenção para o problema da raça e também para as

<sup>25</sup> Segundo Edwin Black, além de não obter apoio da maioria da população, a eugenia nos EUA sofria das denúncias de jornalistas e comentaristas como uma guerra dos ricos contra os pobres. De acordo com o autor, apesar de a eugenia ter sido exposta ao ridículo publicamente isso não fez com que os planos do movimento mudassem.

relações entre as características raciais e o desenvolvimento do futuro do país. Apesar dessa problemática estar presente nos debates sobre a abolição e das reformas desde 1850<sup>26</sup>, era rara a referência da raça enquanto um fenômeno social. Ao passo que a questão racial e o determinismo geográfico já eram, nesse período, objetos de preocupação e discussão na Europa.

Desse modo, como argumenta Lilia Schwarcz (1993), as teorias raciais chegaram de maneira tardia no Brasil mas foram recebidas com entusiasmo em diversos locais de ensino e pesquisa dos quais a elite intelectual nacional fazia parte. A entrada das teorias raciais no Brasil se deu no contexto da década de 1870, esse fato ocorreu justamente no período em que houve um “movimento de entrada de todo um novo ideário positivo-evolucionista em que os modelos raciais de análise cumprem um papel fundamental.” (SCHWARCZ, 1993, p. 19); ao mesmo tempo em que havia o fortalecimento de centros de ensino nacionais tais como museus etnográficos, faculdades de direito e medicina, e os institutos históricos e geográficos.

Ademais, Lilia Schwarcz comenta que em um contexto em que a escravidão estava indo para seu final e que havia a realização de um novo projeto político para o Brasil, as teorias raciais representavam um modelo para justificar o jogo de interesses que estava se montando. Uma vez que “para além dos problemas mais prementes relativos à substituição da mão de obra ou mesmo à conservação de uma hierarquia social bastante rígida, parecia ser preciso estabelecer critérios diferenciados de cidadania.” (SCHWARCZ, 1993, p. 24).

Os anos 1870 também apresentavam outros quadros que afetaram a sociedade brasileira como um todo: como a urbanização; o fim da Guerra do Paraguai que acentuou as contradições do sistema; o embalo da campanha republicana; o desmonte do sistema escravocrata; os debates sobre a escravidão e a experiência com os trabalhadores imigrantes que eram entendidos como os substitutos de mão de obra frente ao fim da escravidão. Por todos esses aspectos, os anos 1870, representam uma nova era no Brasil. É justamente nesse período que uma nova elite profissional emerge, uma elite que incorporava as ideias liberais e os discursos da ciência evolucionista como um modelo para análise social que serviria para explicar as diferenças e desigualdades e justificá-las, assim como explicar o atraso do Brasil em relação ao Ocidente.

---

26 Dentre essas reformas estão a Lei Eusébio de Queirós de 1850 que proibia e punia o tráfico de escravos. A Lei do Ventre Livre de 1871 que determinava que as mulheres escravas teriam filhos que nasceriam livres. E a Lei de Terras de 1850 que regulamentou a posse de terras, definindo que todas as terras precisavam ser compradas. Essa lei em particular perpetuou a lógica do grande latifúndio uma vez que a maioria da população, e em especial os ex-escravos, raramente tinham dinheiro para comprar uma propriedade.

Além disso, Nancy Stepan argumenta que as mudanças que aconteceram no Brasil entre 1870 e 1914 foram imensas: o fim da escravidão; a imigração europeia em grande escala; a queda da monarquia; a ascensão da república; o desenvolvimento do capitalismo periférico no país e a dependência do Brasil como fornecedor de matérias-primas. Aliado a esses fatores o Brasil adentrava o século XX em uma situação complicada uma vez que a sua realidade era a de

uma sociedade altamente estratificada, tanto social quanto racialmente – uma sociedade que, apesar de apresentar-se formalmente como república liberal, era informalmente governada por uma pequena elite, em sua maioria branca, e qual menos de 2% da população votavam nas eleições nacionais; uma sociedade em que a maioria das pessoas era negra ou mulata e analfabeta; em que, apesar da separação técnica entre Igreja e Estado, a Igreja Católica mantinha considerável influência; e na qual o liberalismo democrático era visto por muitos intelectuais como irrelevante ou prejudicial para o futuro do país (STEPAN, 2005, p. 47).

Ademais, como nos Estados Unidos, a primeira guerra mundial teve um impacto decisivo para o desenvolvimento da eugenia não somente no Brasil, mas como em toda a América Latina. Esse impacto vai se dar pelo fato de que antes da guerra a Europa era um símbolo de tudo que era avançado e civilizado, o que apresentava um contraste com o que era considerado como o barbarismo da América Latina, por conta do subdesenvolvimento da região. Entretanto, a guerra criou uma imagem de barbarismo para a Europa e esse fator ajudou a florescer um novo sentimento de nacionalismo na América Latina. O que gerou uma vontade de definir a realidade da região em seus próprios termos, ao invés dos europeus. Assim, durante da década de 1920, a eugenia associou-se ao patriotismo e a ideia de que a América Latina assumisse um papel maior nos assuntos mundiais.

Nesse contexto, a eugenia gerou discussões sobre o nacionalismo na América Latina como um todo. Os eugenistas de outras vertentes argumentavam que os países da América Latina sofriam da ausência de elementos que constituíam a nacionalidade e que poderiam levar a construção de um nacionalismo. Na visão deles, para se construir uma verdadeira nacionalidade, uma nação deveria ter “um propósito comum, língua e culturas compartilhadas e uma população homogênea.” (STEPAN, 2005, p. 118). O que em especial faltava na América Latina era coerência biológica, por conta de séculos de imigração de miscigenação racial na região. Entretanto, os latino-americanos inverteram essa lógica ao perguntar-se como a eugenia poderia auxiliá-los a criar uma nacionalidade.

Na segunda década do século XX, o país passava por um processo de radicalização

política, onde havia interrupções de trabalho e greves. E foi justamente no mesmo ano da primeira greve nacional em 1917 que os médicos fizeram a primeira defesa forma da eugenia como solução para aliviar as tensões sociais. A agitação social que era proporcionada pelos operários das fábricas, que vinha principalmente dos imigrantes europeus, foi somada ao medo da elite em relação ao perigo que eles viam representados nos negros e mulatos, que eram retratados por eles como preguiçosos e indisciplinados. Assim, a ameaça gerada principalmente nos ambientes urbanos, diminuiu a fé que essas elites tinham na eficácia do liberalismo para solucionar os problemas sociais, levando a um processo de maior intervenção do Estado.

Além disso, nas primeiras décadas do século XX, a “família tradicional” parecia cada vez mais ameaçada pela presença das mulheres nos locais de trabalho e “pelos novos costumes sexuais trazidos pela modernidade e pela imigração, pela prostituição, a prole ilegítima, os abortos ilegais e o alcoolismo que acompanharam a crescente industrialização, as migrações internas, a urbanização e a pauperização.” (STEPAN, 2005, p. 52). Assim, segundo Nancy Stepan, uma das respostas para esses problemas era sanear, moralizar e “eugenizar a família”.

Porém, como consequência de sua constituição histórica e social, diferentemente dos norte-americanos e de parte da Europa que adotaram uma eugenia mais pautada nas teorias mendelianas, na América Latina e, portanto, no Brasil o lamarkismo se tornou a teoria evolutiva predominante. Mesmo depois da publicação do livro *As Origens das Espécies*, o lamarkismo era considerado uma alternativa à teoria darwiniana<sup>27</sup>. E aos olhos de muitos o lamarkismo era uma teoria da evolução menos brutal e mais humana do que a de Darwin.

Como teoria da evolução o lamarkismo pregava que o ambiente causava mudanças nos caracteres dos organismos que ali viviam e que tais mudanças poderiam ser adquiridas pelos seus descendentes. Assim, ao contrário das teorias ligadas ao darwinismo, no lamarkismo havia a possibilidade de defender que a mudança no ambiente causa mutação dos seres vivos. Uma vez que o princípio evolutivo do lamarkismo era diferente também o era a eugenia que o usava como base.

Por isso, segundo Nancy Leys Stepan, uma das principais diferenças da eugenia na América Latina era que ela partia de uma visão mais sociológica do que biológica. O que aos olhos dos eugenistas britânicos e norte-americanos poderia parecer um pensamento científico

---

27 Somente na década de 1940 o mendelismo substituiu as teorias lamarkianas no Brasil.

equivocado, uma vez que as novas ideias ligadas à hereditariedade levavam os eugenistas a preferir reformas biológicas às sociais, já que as reformas sociais ficariam limitadas a uma geração, enquanto as biológicas poderiam “resolver o problema” de maneira permanente. Assim, o controle da reprodução humana deveria ser o método mais eficiente a ser adotado pela eugenia e não a reforma de um ambiente social. Porém, ao adotarem a visão lamarkiana de hereditariedade, a maioria dos eugenistas brasileiros defenderam a ideia de que a reforma das condições sociais nas quais os indivíduos viviam seria a melhor estratégia a ser adotada<sup>28</sup>.

Um dos fatores cruciais para a predominância do lamarkismo como teoria da hereditariedade no Brasil, foi a ligação intelectual que o país compartilhava com a França. Uma vez que o lamarkismo era uma teoria que tinha grande autoridade entre os pensadores franceses. A elite letrada brasileira tinha no francês a sua segunda língua, por esse motivo muitos trabalhos científicos vindos do exterior chegavam ao Brasil em tradução francesa. Assim sendo, a biologia francesa se tornou a frente principal do assunto. Além disso, até os anos 1920, a França era o principal destino desejado pelos estudantes latino-americanos para formação na área médica e biológica.

Entretanto, o motivo pelo qual a maioria os cientistas brasileiros preferiram o lamarkismo ao mendelismo não foi somente a ligação intelectual que tinham com a França. Esses intelectuais tendiam a concordar com a teoria lamarkiana não porque ela era mais bem fundamentada teoricamente ou empiricamente, mas sim porque, ao contrário de outras vertentes, o lamarkismo dava suporte à ideia de que a reforma no ambiente poderia resultar em uma melhora permanente da sociedade. Além disso, o lamarkismo era uma ideia que se unia ao sanitarismo já presente na América Latina<sup>29</sup>.

Em sua vertente lamarkista, a eugenia era vista como um fator preventivo através do saneamento, segundo Nancy Stepan, fator central nessa visão era a ideia de “venenos raciais”, que era usada como referência a coisas como o álcool, a nicotina, a morfina, a doenças

---

28 Essa visão otimista do lamarkismo, no qual a reforma social era a solução para os maiores problemas que atingiam um local, não era unanimidade nessa vertente. Uma vez que era possível argumentar que os efeitos do ambiente poderiam causar danos hereditários, ao ponto de que nenhuma reforma poderia melhorar essa situação de maneira rápida, e que para controlar a questão seria necessário algum tipo de controle na reprodução.

29 Apesar dos eugenistas Latino-Americanos terem como base o lamarkismo, os próprios eugenistas da região não deixavam isso explícito, uma vez que não se referiam a Lamarck nos seus textos, mas sim a Galton. Inclusive, como comenta Nancy Stepan, poucos eugenistas sequer viam alguma incompatibilidade entre o lamarkismo e os demais tipos de hereditariedade e chegavam até a fundir o lamarkismo com o mendelismo.

venéreas, as demais drogas e infecções<sup>30</sup>. O termo racial era utilizado porque mesmo que essas doenças e vícios fossem adquiridos durante a vida de um indivíduo poderiam levar a degenerações permanentes. Essa convicção vem justamente da ideia lamarkista de que os caracteres adquiridos durante a vida de um organismo eram transmitidos para os seus descendentes.

Assim, por acreditar que as interferências no ambiente geravam mudanças hereditárias na humanidade, os lamarkistas, ao contrário dos mendelianos, convergiam a eugenia com as políticas de saúde pública e de reforma social. Portanto, um dos principais diferenciais dessa vertente lamarkista é que os seus defensores uniram a hereditariedade ao ambiente. Isso porque os mendelianos viam a interferência no ambiente tanto no cuidado com os doentes como no bem-estar social como políticas desnecessárias, uma vez que nenhuma reforma seria capaz de mudar a hereditariedade.

Foi a partir da perspectiva lamarkista que nos grandes centros urbanos brasileiros a eugenia entrou a partir de programas de higienização e saneamento, ao implementar-se projetos que pretendiam eliminar as doenças e controlar a loucura e a pobreza, com o objetivo de eliminar os “venenos raciais” e higienizar o país, ao ponto em que o Brasil fosse curado de seus maiores problemas sociais e que a partir daí pudesse desenvolver-se como nação.

Porém, muito mais do que higienizar o país da loucura, das doenças e da pobreza, a questão racial e especialmente a miscigenação eram alvo de preocupação da elite letrada, uma vez que elas poderiam definir o futuro da nação brasileira<sup>31</sup>. Isso porque a miscigenação era tão malvista pelos estrangeiros que ela era usada como meio de explicar o atraso e a inviabilidade de uma nação brasileira. Tanto que a miscigenação se tornou uma questão essencial para a compressão dos destinos da nacionalidade (SCHWARCZ, 1993, p. 17-8).

E em vez de definir a miscigenação como um fator de degeneração, no Brasil ela passou a ser considerada como a “salvação” para o país na medida em que tornava a população cada vez mais branca chegando ao ponto de extinguir os negros e indígenas do território nacional, essa teoria ficou conhecida como a ideologia do branqueamento<sup>32</sup>. Tanto que João Batista Lacerda (1846-1915), ao participar do I Congresso Internacional das Raças

30 A partir do começo do século XX, os grandes índices de enfermidades presentes no Brasil eram considerados como um empecilho ao progresso nacional. Por isso, uma solução para o problema das epidemias que assolavam o país era vista com grande entusiasmo por parte da elite intelectual nacional.

31 Inclusive, os higienistas ligavam a existência dos problemas que eles combatiam à questão da pobreza e ao fato de existir uma grande massa de população negra e mestiça no Brasil.

32 Nesse contexto, o incentivo a imigração de europeus muito mais do que apenas um fornecimento de mão de obra, era visto como uma estratégia para branquear o Brasil.

em 1911, disse que Brasil embranqueceria em um século. Assim,

Para alguns latino-americanos, a noção de que sua própria mestiçagem racial poderia ter resultados positivos era precisamente a festa na teoria biológica internacional que abria a ciência racista a seus próprios projetos políticos e lhes permitia proclamarem-se nações eugênicas em formação. Essas reformulações da degeneração híbrida poderiam servir a propósitos ideológicos altamente divergentes. Alguns cientistas argumentavam que, pela hibridização racial, as “raças inferiores” seriam absorvidas pelas “superiores”, eliminando-se a inferior e fixando-se a identidade nacional na raça superior. Tal formulação deixou intactas as avaliações racistas básicas da ciência europeia. Outros argumentavam que a mistura de frações raciais díspares poderia produzir um tipo racial novo e superior. Tal formulação questionava a noção de que o mestiço seria, por definição, “não eugênico” (STEPAN, 2005, p. 152).

Portanto, junto com o otimismo em relação a miscigenação que levava a consideração de que o país estava em aprimoramento racial, o Brasil viveu na década de 1920, um ressurgimento do nacionalismo onde havia a expectativa que a economia de exportação de café aliada a imigração e a ascensão de grupos profissionais levaria a reforma da política brasileira e lançaria o país como potência internacional. E conforme a ideologia do branqueamento se formulava mais sistematicamente e ganhava adeptos na década de 1920, havia um desvio de foco do pessimismo racial para o problema da reforma social e do saneamento como a solução para o “problema nacional” (STEPAN, 2005, p. 165-8).

Isso não significa que a eugenia brasileira deixou o “problema” racial em segundo plano. A ideia geral era de que passava-se de um modelo mais pessimista em relação à mestiçagem para um que tivesse pressupostos menos “radicais”, mas sem desconsiderar a desigualdade entre as raças ou que fosse necessário existir uma solução de cunho autoritário para o problema. Assim, a crítica ao determinismo racial não descartava a visão evolucionista das raças, a ideia era que os diferentes grupos do Homo Sapiens eram desiguais, mas que poderiam ser objeto de aperfeiçoamento.

O aspecto religioso também teve grande influência nos rumos da eugenia na América Latina. Uma vez que a Igreja Católica que era predominante na região, se opôs aos métodos eugenistas que interferiam na reprodução humana. A igreja considerava que a reprodução era escopo de sua autoridade e não competência da ciência. Além disso, para a doutrina católica o matrimônio e, conseqüentemente, o direito a reprodução dentro dele era inalienável (STEPAN, 2005, p. 123). E mesmo que alguns eugenistas da região não reconhecessem a competência da Igreja Católica nessa questão, eles não conseguiram vencer a influência da

igreja no debate sobre o assunto.

Ao analisar a eugenia no Brasil entendendo-a como uma ideologia oriunda dos círculos europeus, devemos considerar que a sua difusão no país sofreu influências tanto do contexto histórico que o país atravessa, quanto da capilaridade que alcançou na elite intelectual nacional. Exatamente por isso, também é necessário destacar que não é possível compreender a eugenia no Brasil entendendo-a simplesmente através dos princípios que a pautavam na América do Norte ou em parte da Europa, como na Inglaterra. Uma vez que, devido à realidade racial e econômica do Brasil, a eugenia desenvolveu-se de maneira peculiar, mas não absolutamente independente.

Apesar de ter surgido como um modelo do pensamento da burguesia industrial europeia e ter grande influência na América do Norte, a eugenia em um país periférico como o Brasil desenvolveu particularidades na medida em que as elites locais a incorporaram e a modificaram de acordo com as preocupações e necessidades nacionais. A fim dela expressar uma ferramenta para a “solução dos problemas da nação”, sem a entender como um prognóstico que aferia a impossibilidade do desenvolvimento de um país em que os fatores da hereditariedade de seu povo eram considerados degenerados, e, portanto, eugenicamente indesejáveis.

### 3. O PRESIDENTE NEGRO E A EUGENIA

A história fictícia narrada em *O Presidente Negro* envolve diversas questões significativas ao mundo e também à realidade brasileira na segunda década do século XX. Isso porque o autor, Monteiro Lobato, coloca em sua narrativa diversas discussões relevantes entre a elite intelectual da época, especialmente no que se refere a eugenia. Através das conversas entre os personagens o livro também insere-se na discussão sobre a eugenia enquanto uma ideia que propõe aprimorar a espécie humana. Ao fazê-lo o livro está não apenas imaginando o futuro dos Estados Unidos, mas está principalmente problematizando sobre as questões existentes em seu período histórico.

Por isso, mais relevante do que considerar o livro uma defesa enfática da eugenia ou não, ou considerá-lo como a maior expressão literária do racismo de Monteiro Lobato enquanto indivíduo, considerarei nesse capítulo o contexto histórico dessa obra literária e como essa questão nos ajuda a entender os conteúdos presentes ao longo da narrativa da única ficção científica de Monteiro Lobato.

Como uma das ideias de mais ressonância entre a intelectualidade mundial e, portanto, brasileira entre o final do oitocentos até meados do século XX, a eugenia não só gerou discussões e obras científicas que a tinham como objeto como também influenciou a cultura, e, portanto, as artes. Como parte disso, a obra de Monteiro Lobato tem os seus maiores exemplos em *Jeca Tatu* e *O Presidente Negro*. O estudo dessas fontes históricas não só ajuda a compreender o período em que elas se inserem como beneficia a compreensão dos rumos e a influência que eugenia teve principalmente entre a intelectualidade, mas também nos dá a possibilidade entendermos melhor a posição do autor diante de uma das maiores discussões da época.

No período histórico que tratarei a eugenia era discutida assiduamente entre a intelectualidade brasileira, então é previsível que diversas obras das mais variadas áreas dedicariam pelo menos uma parte de suas preocupações a ela, seja em sua defesa ou uma eventual crítica. *O Presidente Negro* insere-se entre essas obras de maneira particular, uma vez que boa parte do livro é dedicado a discutir a eugenia. Mais do que isso, por ser uma ficção científica que narra o futuro dos Estados Unidos, essa obra literária é um tanto quanto

particular para os padrões da época, uma vez que o gênero ficção científica e narrativas sobre o futuro não eram tão comuns no Brasil do início do século XX<sup>33</sup>.

Para facilitar a análise começo com uma contextualização da biografia de Monteiro Lobato e sua ligação com o movimento eugênico, a fim de ajudar a compreender a obra a partir de seu autor e para entender de quais referências ele estava partido para escrever o romance. Posteriormente faço um pequeno resumo da história da obra para situar os leitores sobre a narrativa e as temáticas tratadas no livro. Na sequência, encaminharei o presente texto para um estudo detalhado dos trechos e discursos do livro a partir do seu contexto histórico, tendo como recorte as partes concernentes a eugenia. Por fim, analisarei a repercussão de *O Presidente Negro* nos jornais.

### 3.1 MONTEIRO LOBATO E A EUGENIA

Para analisarmos a história ficcional de *O Presidente Negro* sob a perspectiva histórica é necessário estabelecer um panorama geral sobre o seu autor: Monteiro Lobato. Nessa perspectiva, aspectos da biografia de Lobato e a relação que o escritor paulista tinha com o movimento eugênico são essenciais para interpretar *O Presidente Negro* e para entender de que maneira Lobato foi influenciado pela sua conjuntura histórica.

Lobato, mais conhecido por sua obra infantil relacionada ao universo literário do Sítio do Pica-Pau Amarelo, foi e é essencialmente um autor polêmico, desde o início de sua carreira até os dias atuais sua obra e opiniões são motivos de controvérsia. Uma das discussões mais relevantes relacionadas a Lobato é sobre o caráter racista de seus escritos, uma vez que em suas obras literárias, cartas e artigos é possível encontrar diversas expressões que hoje são consideradas racistas. Uma das maiores polêmicas está relacionada a uma das personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo, a Dona Anastácia, que por vezes é descrita pelo autor com expressões e características racistas. Porém, o foco da presente pesquisa não é concentrar-se

---

33 Monteiro Lobato inspirou-se no livro *A Máquina do Tempo* (1895) do escritor britânico e um dos pioneiros da ficção científica Herbert George Wells (1866-1946) para traçar a narrativa sobre uma máquina capaz de ver o futuro. Porém, no livro de H. G. Wells o personagem principal efetivamente viaja para o futuro com a Máquina do Tempo, ao passo que no livro de Lobato, a máquina existente é apenas capaz de ver o futuro e não transportar-se para ele. Em uma carta que Monteiro Lobato escreve a Godofredo Rangel – que pode ser encontrada em um livro que reúne a correspondência que o escritor trocou com esse amigo, chamado *A Barca de Gleyre* –, Lobato expressa já em 1905 o desejo de escrever um livro a estilo do romance de Wells sobre um futuro daqui há mil anos, ideia pela qual ele pretendia desenvolver por dez ou vinte anos. Desejo o qual ele concretizou com a escrita e publicação de *O Presidente Negro*.

na obra infantil do autor e tampouco falar dessas expressões racistas em si, mas sim entender como Lobato situava-se na discussão sobre a eugenia, movimento que apesar de ser intrinsecamente racista vai muito além dessa discussão.

Desse modo, focando na obra *O Presidente Negro*, pretendo destacar as ligações que Lobato teve com o movimento e interpretar de que modo o autor estava envolvido com a eugenia levando em consideração como o período histórico que o autor vivia e seu contexto regional (um brasileiro, paulista e fazendeiro) e de classe (como um membro da elite) levou essa obra literária a sofrer uma influência explícita da eugenia.

O fato de Monteiro Lobato ser paulista é uma questão importante no que refere-se a sua posição enquanto intelectual, uma vez que apesar de o estado ter importância secundária durante o período colonial, a partir do início do século XIX São Paulo entrou em um processo de crescimento econômico e demográfico com o cultivo de café. Em 1900, principalmente com a imigração europeia, São Paulo cresceu e a sua população quase dobrou. Já na década de 1920, o estado possuía a segunda maior população do país, perdendo apenas para Minas Gerais. Sendo que na mesma década São Paulo tinha uma economia industrial que superava os demais estados (ANDREWS, 1998, p. 47-9).

São Paulo foi o estado que mais fez esforços para se europeizar através do apoio maciço a imigração europeia com subsídio estatal, tanto que mais da metade dos europeus que vieram para o Brasil no período republicano instalaram-se em São Paulo. É claro que, assim como em outros estados, a imigração tinha como objetivo reverter as consequências econômicas da abolição e branquear o país. Esse processo de substituição da mão de obra gerou a marginalização dos trabalhadores afro-brasileiros no estado, deixando os melhores empregos (nas regiões mais ricas no campo e na cidade) para os imigrantes brancos. Essa política predominou no mundo rural paulista, até 1925, quando entusiasmo com os imigrantes esvaneceu<sup>34</sup>, já nas cidades essa preferência pelos imigrantes permaneceu pelo menos até a década de 1930 quando os afro-brasileiros entraram no mercado de trabalho porque a imigração reduziu e faltou mão de obra (ANDREWS, 1998, p. 47-9)<sup>35</sup>.

A posição de hiato que os afro-brasileiros tiveram no mercado de trabalho paulista por, pelo menos, quarenta anos foi prejudicial uma vez que além de privar os negros da renda, da

---

34 A diminuição desse entusiasmo da elite deve-se a ligação de boa parte dos imigrantes europeus com a militância trabalhista.

35 São Paulo recebeu mais de dois milhões de imigrantes europeus. Os trabalhos que os negros tinham mais chance de conseguir eram o doméstico, feito principalmente por mulheres, nas forças armadas e serviços sazonais ou ocasionais.

experiência de trabalho, os marginalizaram ainda mais socialmente e reforçou suposições racistas relacionadas ao desemprego dos afrodescendentes (ANDREWS, 1998, p. 47-9).

Ao ser um estado de importância central para a agricultura agroexportadora e para a industrialização, São Paulo, como região, passou a produzir narrativas para justificar o excepcionalismo paulista. Era justamente nessa época que acontecia o auge do racismo científico e por esse motivo essas narrativas faziam uma ligação entre a “brancura” e o progresso, civilização e a modernidade e entre a “negrura” e o atraso. Por isso, a imigração era vista como uma estratégia para modernizar a economia e a população afro-brasileira era vista como um problema (WEINSTEIN, 2015, p. 2-5)<sup>36</sup>.

Como outras regiões do país, São Paulo questionava o pessimismo em relação às consequências da miscigenação. Assim, mesmo defendendo o embranquecimento do estado, a maioria da elite paulista não se adaptava ao discurso da supremacia branca ou defendiam limites nitidamente desenhados entre brancos e negros. Desse modo, as linhas divisórias de cor eram em São Paulo como costumavam ser no restante do país: instáveis. Isso levava a centralidade da região como um marcador para o discurso da identidade excepcionalista de São Paulo (WEINSTEIN, 2015, p. 5-6).

Inserido em uma realidade regional na qual a posição econômica do seu estado no país construiu uma elite intelectual que preocupava-se com a imigração como fator central para o desenvolvimento do estado ao promover mão de obra, bem como para branquear a região, Monteiro Lobato não deixou de ser influenciado pelos discursos da elite da qual fazia parte.

José Renato Monteiro Lobato era natural da cidade de Taubaté no estado de São Paulo, nascido em 1882, Lobato era filho de Olímpia Augusta Monteiro que era filha bastarda do Visconde de Tremembé, José Francisco Monteiro<sup>37</sup>.

Desde cedo Lobato teve acesso à biblioteca de seu avô, o que pode ter sido a origem de sua paixão pela leitura e escrita. Com 16 anos, Lobato já era órfão de pai e mãe e apesar de ser neto de um visconde chegou a passar por dificuldades financeiras durante a vida. Lobato

---

36 O excepcionalismo paulista refere-se a uma tentativa criar um discurso que explica porque São Paulo tornou-se o centro agroexportador e industrial do país, ou seja, o centro econômico do Brasil a partir de uma perspectiva que coloca o estado como uma região acima dos padrões das demais localidades brasileiras. Nesse sentido, a elite paulista criou narrativas sobre história do estado a fim de identificar as raízes de uma suposta “maior capacidade” de desenvolvimento que os habitantes do estado teriam em relação a outras partes do país, especialmente em relação ao Nordeste. A ideia de que o povo paulista seria excepcional implica em considerar que de alguma forma eles seriam superiores as demais regiões.

37 Apesar de a sua mãe ser bastarda o Visconde de Tremembé reconheceu a mãe de Lobato e seu irmão como filhos. Assim como reconheceu seus netos, dentre eles Monteiro Lobato. Por isso, todos tiveram direito a herança.

tinha o sonho de ser artista plástico ou engenheiro, mas o seu avô materno escolheu para ele a carreira de bacharel em direito, que na época era considerada uma profissão mais nobre (SELKE, 2012, p. 5-6).

Lobato formou-se e voltou para sua cidade natal, Taubaté em 1904, ficou lá quatro anos e saiu da cidade, passando a trabalhar como promotor público em Areias. O autor não se agradava com a vida que levava no interior do estado de São Paulo, esse fator torna-se de extrema importância para a sua vida literária, uma vez que é dessa questão que surge um dos seus personagens mais famosos: o Jeca Tatu. Monteiro Lobato criticava a imagem que os literatos românticos tinham sobre o interior brasileiro porque, para ele, não havia honestidade na descrição dos caipiras por esses autores (SELKE, 2012, p. 7-18).

Fator crucial para a criação de Jeca Tatu foi a circunstância da morte do avô em 1911, diante desse contexto o escritor passa a ser dono de uma fazenda cafeeira na Serra da Mantiqueira. Foi nessa fazenda que as suas ideias sobre a falsificação que os românticos faziam dos caboclos traduziu-se o personagem Jeca Tatu que “nasceu” em 1912. Na fazenda Lobato não tinha uma boa relação com os agregados, fato importante para a construção do personagem do Jeca Tatu (SELKE, 2012, p. 18-24).

Como muitas das interpretações da época, a crítica que Lobato fez através do personagem Jeca Tatu era, provavelmente, racial uma vez que Lobato destacava a importância do italiano para o campo com a crença de que o mesmo tinha superioridade racial sobre o caboclo. Aqui destaca-se a influência que Lobato sofreu dos discursos hegemônicos da elite na época uma vez que havia uma valorização do trabalhador imigrante em detrimento ao trabalhador nacional, especialmente se esse trabalhador fosse negro.

O Jeca Tatu apareceu pela primeira vez no jornal *O Estado de São Paulo*, com dois artigos, o primeiro artigo intitulado *Uma velha praga* problematizava os males do caboclo; e o segundo, o famoso *Urupês*, publicado em 1914, traz pela primeira vez o Jeca Tatu como personagem. A imagem que Monteiro Lobato descreve do caboclo é essencialmente negativa destacando a ignorância e a preguiça como traços fundamentais. O personagem do Jeca Tatu foi um sucesso, e já em 1915 foi publicado em diversos jornais paulistas e, em 1918, foi publicado como livro sob o título de *Urupês*.

A imagem negativa do Jeca Tatu sofreu uma transformação fundamental quando Lobato entrou em contato com o livro *Saneamento do Brasil* escrito por Belisário Pena e com as pesquisas de Arthur Neiva. A preocupação de Lobato por solucionar os males brasileiros e

desenvolver o país presente durante toda a sua vida encontrou, nesse momento, a solução nas campanhas higienistas das quais o autor empenhou-se em divulgar.

A repaginação da imagem do Jeca Tatu deu-se quando o Brasil encontrava-se em um debate sobre as causas do atraso. Nesse sentido, os defensores de medidas de educação e saúde pública passaram a afirmar que as verdadeiras causas desse problema era a doença e o analfabetismo (SKIDMORE, 1976, p. 201). A partir desse momento, o atraso do caboclo passou a ser – não apenas para Lobato – não uma consequência de uma maldição racial, mas sim fruto do subdesenvolvimento que gerava a fome, a doença, e a miséria. Desse modo, curar o homem do campo passou a ser, para Lobato e uma parte da elite intelectual, criar riquezas e desenvolver a nação (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2000, p. 55-9).

Parte dessa mudança de perspectiva de Lobato em relação ao Jeca Tatu, segundo Ricardo de Castilho Selke (2012), estava na aversão que o escritor tinha pela França, uma vez que Lobato revoltava-se com a incapacidade dos brasileiros de olharem para as temáticas nacionais sem imitar os franceses. A segunda questão é que a partir desse momento o Jeca Tatu passaria a ser entendido como algo verdadeiramente brasileiro, o que na década de 1920 era, para a intelectualidade, uma problemática relevante uma vez que nessa época buscava-se algo que fosse genuinamente brasileiro e que tivesse contato com temas populares.

Ao adotar o higienismo Lobato passou a defender que a maioria da população brasileira estava doente. Chegando a reproduzir a ideia de que 70% dos brasileiros eram acometidos pela ancilostomose (mais conhecido como amarelão) que prejudicava o físico e o moral dos indivíduos, inutilizando essas pessoas, uma vez que quem tinha a doença ficava sem vontade, se tornava incapaz e não conseguia agir. A segunda doença que era uma das maiores responsáveis pela degradação dos brasileiros era, para Lobato, a malária que atingiria 40% da população – segundo dados de Rui Barbosa. Não só o amarelão e a malária como também a doença de chagas é objeto da escrita de Lobato. Como um defensor do higienismo o escritor propõe combater as doenças como forma de solucionar os problemas sociais e econômicos do país. Um trecho de um artigo publicado por Lobato no jornal *O Estado de São Paulo* exemplifica justamente isso:

Sanear é a grande questão.  
Não há problema nacional que se não entrose nesse.  
Só a alta crescente do índice de saúde coletiva trará a solução do problema econômico, do problema imigratório, do problema financeiro, do problema militar e do problema político (LOBATO, 2010, p. 59).

Para Lobato, o problema da produção agrícola brasileira era que a força de trabalho agrícola estava alijada/limitada pelas doenças. Esse era o motivo do Brasil, que na época tinha 25 milhões de habitantes, produzir menos açúcar que uma das grandes empresas de Cuba e necessitar importar mão de obra europeia e asiática. Sendo a única solução definitiva para o problema da lavoura a higiene. A grande preocupação de Lobato sobre a saúde das populações rurais devia-se ao fato de que para ele a vida sadia dos camponeses era essencial para o desenvolvimento de um país.

Lobato como um defensor do higienismo reclamava da inação das autoridades em relação aos problemas causados pelas doenças. Pois, para o autor, a falta de higiene configurava-se como o principal problema brasileiro e era o motivo pelo qual o país apresentava atraso em relação as nações europeias e aos EUA. Isso porque as epidemias e doenças tornavam impossível a prosperidade econômica do país, uma vez que as doenças afetavam profundamente o aproveitamento da mão de obra tanto urbana quanto rural (SELKE, 2012, p. 30).

Ao optar pelo higienismo em relação a vertente da eugenia que pregava o determinismo hereditário, Lobato estava diante do dilema que colocava uma dessas duas causas para os problemas sociais: a doença ou da incapacidade racial. Lobato optou pela doença, uma vez que escolher a incapacidade racial levaria a uma conclusão muito mais pessimista e incapacitadora para solucionar os problemas nacionais em um país onde a miscigenação levava à crença, por parte dos eugenistas da vertente mendeliana, de que o Brasil era um país degenerado. Muito mais fácil do que eugenizar hereditariamente o país era curá-lo de suas doenças<sup>38</sup>. Portanto, para Lobato – nesse período em que reformula o personagem Jeca Tatu e publica artigos pró-higiene no *O Estado de São Paulo* – não era a raça o problema, mas sim o estado de doença que era transmitido de pai para filho e que agravava-se a cada vez mais<sup>39</sup>.

É nesse sentido que o Jeca Tatu sofre uma transformação, porque as características negativas atribuídas ao personagem como a sua vida pobre em uma casa de sapé, a sua preguiça, fraqueza, o medo e o seu alcoolismo são atribuídos à ancilostomíase pelo diagnóstico de um médico. Ao ser medicado, Jeca perde todas as características negativas e

---

38 Em um dos seus artigos para *O Estado de S. Paulo* Lobato escreve justamente sobre esse dilema e que a sua escolha é optar pela doença. O trecho pode ser encontrado em: LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Globo, 2010, p. 76.

39 O trecho referenciado pode ser encontrado em: LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Globo, 2010, p. 82.

torna-se uma pessoa produtiva. No fim da história, o personagem fica rico e espalha o higienismo para os caboclos da região. O Jeca Tatu nessa versão é uma defesa do higienismo, a obra teve imenso sucesso e tornou-se um dos personagens mais conhecidos da literatura brasileira.

Desse modo, Lobato deixou mais do que claro a sua ligação com a eugenia na sua vertente higienista, tanto por suas publicações de artigos no *O Estado de São Paulo*, como o personagem literário do Jeca Tatu, bem como com as suas referências a famosos higienistas<sup>40</sup>. Entretanto, a sua ligação com a vertente eugenista do mendelismo é algo mais nebuloso, uma vez que a maior evidência da suposta defesa desse eugenismo está em uma obra literária: *O Presidente Negro*.

### 3.2 OS ESTADOS UNIDOS EM UM FUTURO EUGENIZADO

Para iniciar uma análise do *O Presidente Negro* é interessante fazer primeiro um resumo da obra a fim de explicitar a história para partir para uma análise detalhada dos aspectos eugênicos presentes nele.

O narrador do livro é Ayrton Lobo, um funcionário da firma Sá, Pato & Cia., que ao comprar um automóvel, seu sonho de consumo, se acidenta e é acolhido na casa do Doutor Benson, homem conhecido na cidade por ser um cientista rico e por conseguir muito dinheiro ao prever as flutuações das moedas. Depois de sofrer o acidente, Ayrton sente-se receoso de voltar a Sá, Pato & Cia. para enfrentar os seus patrões e pede que Benson lhe ofereça um emprego, o Doutor diz a ele que já tem funcionários suficientes em sua casa para cumprir as tarefas, mas acaba designando Ayrton como o seu confidente<sup>41</sup>. Então Ayrton conhece a única filha de Benson, Miss Jane, pela qual ele se apaixona<sup>42</sup>.

Por tê-lo designado como seu confidente, Benson conta a Ayrton o seu maior segredo, a sua invenção mais importante: o *porviroscópio*; máquina que era capaz de ver o passado e o

---

40 O livro que uso como fonte, o qual contém artigos do *O Estado de São Paulo* e a história de Jeca Tatu, foi organizado como livro pela Sociedade Eugénica de S. Paulo e pela Liga Pró-Saneamento do Brasil em 1918.

41 Ayrton também tinha medo de ter o salário reduzido uma vez que a partir do momento que ele comprou um carro depois de muito esforço os seus patrões aumentaram o salário ao perceberem que seria vantajoso ter um funcionário com um automóvel.

42 Jane é descrita por Ayrton como uma mulher muito bonita de cabelos louros e olhos azuis, o que coincide com o padrão eugénico de fenótipo/beleza. Além disso, ela é descrita pelo personagem como uma mulher educada, generosa e inteligente, todos atributos ideais para serem alcançados por todos os indivíduos eugenicamente adequados.

futuro até o ano 3.257<sup>43</sup>. Porém, Doutor Benson estava doente e destruiu o porviroscópio antes da sua morte por medo de que a descoberta da sua invenção gerasse resultados negativos. Quando Benson morre Ayrton abandona a casa do Doutor, mas volta todo o domingo para conversar com Miss Jane.

Entretanto, apesar de a máquina ter sido destruída a filha de Benson, Miss Jane, conta à Ayrton a questão que mais a interessou dentre todos os assuntos do futuro: o choque das raças nos Estados Unidos no ano 2.228. Nos seus encontros, Ayrton e Miss Jane têm como foco discutir a situação dos Estados Unidos, especialmente no ano 2.228. Ao falar desse ano, Jane conta, aos poucos, durante os encontros o evento mais importante naquele ano, a 88ª eleição para presidente dos EUA.

Ocorre que naquele período os negros cresceram em proporção aos brancos por conta das restrições que os EUA colocaram à imigração europeia e pelo controle de natalidade eugênica da lei Owen; apesar desses processos restritivos na reprodução, os negros passaram a crescer em maior número do que os brancos. Especificamente no ano de 2.228, Miss Jane conta a Ayrton que a população negra somava 108 milhões, enquanto os brancos totalizavam 206 milhões.

Porém, naquele período os negros foram despigmentados, o que significa que eles embranqueceram a pele através de uma tecnologia. Mas apesar da pele esbranquiçada, ainda tinham os cabelos crespos e não deixavam se ser considerados negros. Naquele contexto, Miss Jane, conta que a extinção do cabelo crespo era o ideal da raça negra, mas que até aquele momento a ciência não tinha descoberto um método para alisá-los. Jim Roy um desses negros despigmentados era o líder entre a população afro-americana e conseguiu reunir a população negra sob a bandeira de um único partido: A Associação Negra.

Além da Associação do Negra, havia outros dois partidos: o Partido Masculino que era resultado da junção dos partidos Democrata e Republicano e o Partido Feminino, ambos representantes da população branca. O partido feminino procurava eleger pela primeira vez uma mulher para a presidência da república, essa mulher era Evelyn Astor. Para ganhar maioria e vencer a eleição Evelyn e suas seguidoras esperavam receber apoio do líder negro Jim Roy. Porém, o membro do Partido Masculino, atual presidente e candidato a reeleição, também buscava o apoio de Jim Roy à sua candidatura. Posto esse cenário, dependia de Jim a

---

43 O *porviroscópio* é descrito no livro como um globo de cristal.

eleição, visto que o Partido Masculino tinha 51 milhões de eleitores, o Feminino 51,5 milhões e a Associação Negra 54 milhões.

Entretanto, os ideais das eleitoras de Evelyn iriam se tornar fator decisivo para a eleição, uma vez que Miss Jane narra que naquele período as mulheres brancas eram conduzidas pelas teses de Miss Elvin que escreveu um livro chamado *Simbiose Desmascarada* no qual ela defendia que a mulher não era a fêmea natural do homem. Em seu livro Elvin dizia que ao ser repudiado por sua fêmea natural, o homem tomou a fêmea de outro animal que tinha algumas semelhanças anatômicas com o *Homo Sapiens*<sup>44</sup>. Durante a história, o *Homo* teria tentando manter um equilíbrio sexual que era impossível, uma vez que a fêmea estava ligada ao homem por simbiose e sempre resistiu ao seu domínio a despeito de um processo de domesticação que durava milênios.

Por conta das ideias de Elvin, o Presidente Kerlog concentrou-se na esperança de que Jim Roy o apoiasse na eleição a fim de derrotar o Partido Feminino que representava uma ameaça. Para consolidar esse apoio, Jim Roy queria que a Lei Owen fosse atenuada, uma vez que o aumento da sua rigidez tinha reduzido a taxa de crescimento populacional dos negros. Por outro lado, o Partido Feminino buscava o apoio de Jim Roy ao argumentar que o homem branco era o criador do ódio ao negro e que o homem branco era um inimigo em comum das mulheres e dos negros. Mesmo não obtendo o apoio formal de Jim Roy e, conseqüentemente, o voto dos negros, tanto o candidato do Partido Masculino quanto a candidata do Partido Feminino estavam confiantes de que o Jim Roy lhes desse apoio de última hora, concedendo assim a vitória para quem transferisse os votos.

Entretanto, no último instante Jim Roy decidiu que não apoiaria nenhum dos outros candidatos ao lembrar-se dos séculos de exploração, marginalidade e submissão que os negros foram submetidos pelos brancos. A decisão do líder negro faz com que ele vença a eleição e assim o primeiro presidente negro seja eleito nos Estados Unidos. A vitória do líder negro representa um choque a todos, desde os homens brancos até as mulheres brancas e os negros.

Ao saberem do resultado da eleição, as membras do Partido Feminino aliam-se novamente ao homem branco, agora para lidar com um “mal maior”: a raça negra no poder. Naquele contexto, a eleição de um negro para a presidência dos Estados Unidos só foi possível por conta da cisão entre homens e mulheres provocada pelo elvinismo. Esse choque faz com que as mulheres brancas, com exceção de Elvin, se arrependam de sua luta contra o

---

44 Miss Evelin denomina a espécie das fêmeas roubadas como “Sabino”.

homem branco e voltem ao seu domínio voluntariamente. Por outro lado, Kerlog, o líder dos homens brancos, assim como as membras do Partido Feminino, ficaram chocados com o resultado da eleição, uma vez que nem cogitavam a possibilidade de Jim Roy ser eleito.

Como consequência da vitória de Jim Roy, os brancos convocam a convenção da Raça Branca, na qual discutiriam maneiras de resolver o maior problema racial do momento: a eleição de um presidente negro. Durante a convenção surgiram diversas sugestões para resolver a questão, todas elas implicavam no emprego da força, o que causaria tumulto.

Dias depois do início da convenção, uma novidade aparece, John Dudley, um cientista que havia dedicado-se ao estudo do cabelo negro para descobrir um meio de alisá-lo e torná-lo igual aos dos brancos finalmente tinha achado um meio de fazê-lo através dos raios Ômega. Com três aplicações desse raio qualquer cabelo afro tornava-se não só liso como também sedoso de maneira idêntica ao cabelo dos brancos. A notícia da descoberta dos raios Ômega, segundo Miss Jane, levou a população negra ao êxtase, uma vez que isso resultaria em um aperfeiçoamento físico da raça e junto a despigmentação da pele, que embora não fosse perfeita, havia a esperança de obter com o tempo a exata aparência de uma pele branca natural.

Diante desse contexto, foram estabelecidos em todas as cidades e bairros “Postos Desencarapinhantes”, o processo durava apenas 3 aplicações de três minutos com custo dez centavos por pessoa. Esses fatores fizeram com que os negros fossem aos postos de maneira massiva, o que resultou no alisamento dos cabelos de quase todos os afro-americanos em um curto período de tempo. Em três meses 97% da população negra já tinha sido submetida aos raios Ômega.

Depois desse acontecimento o líder branco Kerlog visita Jim Roy e diz ao líder negro que ele não assumirá a presidência porque a presença dele lá seria inútil, uma vez que a raça negra havia morrido, já que os raios Ômega não apenas alisavam o cabelo como esterilizavam quem fosse submetido a eles. Após saber da notícia Jim Roy é encontrado morto no seu gabinete no dia de sua posse. O segredo do efeito esterilizador dos raios Ômega permaneceu. Novas eleições foram feitas e foi reeleito Kerlog por 100 milhões de votos.

Todavia, meses depois da implantação dos raios Ômega os índices de natalidade da população negra caíam repentinamente. A queda na natalidade tornou impossível guardar aquele segredo, tanto que o próprio Presidente Kerlog informou aos cidadãos estadunidenses dos efeitos dos raios Ômega, o qual foi autorizado através de uma resolução da convenção

branca que alterou a Lei Owen ao incluir nela os negros como sujeitos à esterilização. Diante daquele quadro, a raça negra não tinha mais futuro nos Estados Unidos. E, como narra Miss Jane, foi assim que aconteceu o choque das raças nos EUA no ano de 2228.

É nesse ponto que termina a história de Miss Jane sobre o futuro dos Estados Unidos, como seu ouvinte Ayrton fica surpreso com o desfecho da história. No fim, o romance acaba com um beijo de Ayrton e Jane.

### 3.3 A EUGENIA, O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS EM *O PRESIDENTE NEGRO*

*O Presidente Negro* por conta de seu conteúdo eugênico é para os padrões atuais uma obra polêmica de Monteiro Lobato. Por seu caráter polêmico a obra está cercada de algumas interpretações divergentes quanto a sua natureza. O mais comum é que o livro seja taxado como racista e uma confirmação do racismo de seu autor, sobre esse ponto os trabalhos acadêmicos que tratam do livro divergem. Pontuarei alguns aqui com o objetivo de destacar o que já foi produzido sobre a obra, mas também para diante disso partir para a análise da obra feita pela presente pesquisa.

Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta (2000) autores da mais famosa biografia de Monteiro Lobato caracterizam *O Presidente Negro* como uma obra ambígua, uma vez que apesar de nessa obra Lobato abraçar ideias relacionadas a superioridade racial, em outros momentos de sua obra literária ele reconhece o papel da cultura afro-brasileira e dos negros, além de denunciar as crueldades do sistema escravista<sup>45</sup>.

Quanto ao livro *O presidente negro* Selke argumenta o seguinte: “O romance parece mais um panfleto pró-eugenia, (o romance foi dedicado a Artur Neiva, célebre eugenista, e Coelho Neto) assim como ‘Jeca Tatu’ é um panfleto pró-higiene.” (SELKE, 2012, p. 62). Entretanto, Selke defende que Monteiro Lobato dificilmente pode ser rotulado, uma vez que ele manteve uma constante revisão de suas próprias opiniões.

Paula Arantes Botelho Briglia Habib (2003) considera *O Presidente Negro* como “um hino de louvor à eugenia e às teorias raciais” (HABIB, 2003, p. 19). Em uma das vertentes interpretativas em relação ao Presidente Negro, contrariado Selke (2012) e discordando de Haib (2003), Edilson Barbosa Carvalho (2011) diz que Monteiro Lobato pretendia enriquecer

---

45 O conto *A negrinha* é um dos maiores exemplos disso, onde Lobato denuncia a crueldade do sistema escravista. É evidente na obra do autor a condenação a escravidão, como também é destacado a cultura afro-brasileira como, por exemplo, no resgate da figura do Saci no universo do Sítio do Pica-Pau amarelo.

com a publicação de *O Presidente Negro*, ao mesmo tempo que procurava ser conhecedor da sociedade americana ele queria “[...] colocar o dedo na ferida da desigualdade entre as raças daquele país.” (EDILSON, 2011, p. 9). Edilson traz a interpretação de que *O Presidente Negro* é justamente o oposto do que parece à primeira vista, a eugenia presente no livro advém da ironia do autor e serviria como denúncia ao racismo e aos preconceitos da elite defensora do eugenismo que ai além da ciência ao interferir na sociedade.

Como é possível observar, o livro gera entre os pesquisadores diferentes interpretações quanto ao seu caráter. Realmente é difícil desvendar qual foi a intenção de Lobato ao escrever o livro ou se na época ele realmente acreditava nos discursos defendidos pela personagem Miss Jane, uma vez que por ser uma obra literária *O Presidente Negro* não expressa necessariamente o pensamento do autor, mas mesmo se esse for o caso o livro sofreu diversas influências das discussões existentes na década de 1920.

Entretanto, não tratarei o livro como apenas uma expressão do racismo e da defesa a eugenia como alguns autores já interpretaram. Tampouco partirei da análise de Edilson Barbosa Carvalho que considera o romance como uma grande ironia, uma vez que é conhecida a ligação de Lobato com o movimento eugenista. Como indivíduo, Lobato defendeu o higienismo que é uma vertente do pensamento eugenista. Também é conhecida a sua amizade com Renato Kehl (1889-1978) um dos mais conhecidos eugenistas brasileiros que defendia as políticas do movimento, tais como a esterilização e a segregação. Lobato como um homem de seu tempo, especialmente por ser membro da elite, estava inserido nos debates contemporâneos da sua época, e a eugenia era um deles. Por isso, o autor não deixou de ser influenciado por essas crenças, assim como chegou a defendê-las em alguns momentos<sup>46</sup>.

Todavia, como destacam Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta, *O Presidente Negro* é uma obra ambígua, mas acredito que isso não se deve ao fato de que o autor não se fez claro em suas posições sobre a eugenia, mas sim porque Lobato expressa diferentes opiniões ao longo de sua trajetória como autor, a mudança de perspectiva sobre a figura do Jeca Tatu é um dos maiores exemplos disso.

---

46 Apesar de a eugenia ser defendida por essa elite brasileira, ela não era hegemônica, isso porque existiam pessoas que se opunham a ela. Exemplo disso é a posição do escritor e jornalista Lima Barreto (1881-1922) em relação à eugenia. Por isso, não era impossível para a época aderir a um posicionamento contrário a eugenia. O fato de Lobato ter defendido a eugenia foi, portanto, uma escolha do autor. Inclusive, Barreto manteve contato com Lobato através de cartas – não se sabe se eles chegaram a se conhecer pessoalmente. Todavia, Lima Barreto era negro e não era membro da elite, enquanto Lobato era branco e membro da elite, o que, sem dúvida, influenciou na tomada de posição dos autores em relação à eugenia.

Por isso, não pretendo com a minha análise taxar o autor de racista, eugenista ou acusá-lo de querer o extermínio dos negros através da esterilização, como é defendido pelos personagens do livro. Procuo entendê-lo a partir de seu período histórico, no qual a eugenia era vista por diversos intelectuais como a solução para os problemas morais, raciais e sociais que as sociedades enfrentavam. Como uma pessoa que sempre procurou uma maneira de desenvolver o Brasil, Lobato durante a sua vida defendeu diversos caminhos pelos quais o país devia trilhar para atingir esse patamar, a eugenia – mesmo que considerarmos que de fato o autor a defendeu apenas em sua vertente higienista – foi sem dúvida um deles.

*O presidente Negro* foi escrito no Rio de Janeiro e publicado por Lobato antes de sua viagem aos EUA em 1927, quando foi morar junto com a sua família em Nova York como adido comercial do Itamaraty. Como fica evidente no livro, Lobato tece vários elogios aos Estados Unidos, colocando o país como mais desenvolvido, padrão que o autor repete depois de sua ida aos EUA.

Além disso, é necessário levar em consideração que Lobato pretendia fazer sucesso nos Estados Unidos com a publicação do livro. Em uma carta escrita em 1926 para o seu amigo Godofredo Rangel, ele expressa a sua vontade em escrever um romance americano com o objetivo de torná-lo famoso nos EUA:

Sabe o que ando gestando? Uma ideia-mãe! Um romance americano, isto é, editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa. Meio à Wells, com visão do futuro. O *clou* será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira, cujo índice de proliferação é maior, alcançar a branca e batê-la nas urnas, elegendo um presidente preto! Acontecem coisas tremendas, mas vence por fim a inteligência do branco. Consegue por meio dos raios N, inventados pelo professor Brown, esterilizar os negros sem que estes deem pela coisa.

Já tenho um bom tradutor, o Stuart, e em Nova York um agente que se entusiasmou com o plano e tem boa porcentagem no negócio. Imagine se me sai um best-seller! Um milhão de exemplares... (LOBATO, 2010, p. 254).

Inicialmente *O Presidente Negro* foi publicado pelo jornal *A Manhã* em 1927, o livro foi escrito por Lobato em 20 dias. Como pode-se constatar Lobato tinha expectativas altas para o livro e achava que ele venderia muitas cópias, para isso também pretendia divulgar intensamente a obra, usando-se de anúncios. Por sua intenção de publicá-lo na América do Norte quando mudou-se para os EUA Lobato tentou lançar a versão inglesa do livro que inicialmente era nomeado como o *Choque das Raças*<sup>47</sup>. Porém, as suas expectativas não têm

47 Antes de dar nome ao livro Lobato tinha três alternativas de nome eram elas: *O Reino Louro*, *O Choque das Raças* ou *O Presidente Negro*. Por fim, o título de *O Choque das Raças* foi colocado, mas atualmente o livro é conhecido pelo nome *O Presidente Negro*.

sucesso uma vez que não consegui sequer publicar o livro nos Estados Unidos, em uma carta à Rangel em 1927 Lobato expressa o seu desapontamento:

Meu romance não encontra editor. [...] Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, combater a sangue-frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam os negros (LOBATO, 2010, p. 258).

Pode-se perceber a partir desse texto que, pelo menos, parte dos norte-americanos considerariam a conclusão da história do livro de Lobato pesada demais para publicá-la<sup>48</sup>. Também demonstra que as defesas mais extremadas da eugenia para a esterilização dos negros não eram hegemônicas nos Estados Unidos<sup>49</sup>.

A última frase da citação chama muita atenção, uma vez que Lobato não opõe-se a ao linchamento nos EUA, mas coloca a ausência da prática como uma possível causa para o fracasso da sua tentativa de publicação no país. O linchamento nos Estados Unidos era uma prática ilegal que ocorreu nos séculos XIX e XX. Como a própria fala de Lobato indica o linchamento tinha um componente racial, uma vez que a maioria das suas vítimas eram homens negros<sup>50</sup>.

Na época, em boa parte dos casos os linchadores justificavam as suas ações acusando a vítima de ter cometido algum crime, frequentemente esse crime era um suposto estupro de mulheres brancas feito por homens negros.

48 Além da publicação e sucesso do livro, Lobato estimava conseguir abrir uma editora nos Estados Unidos com o provável nome de Tupy Publishing.

49 Uma hipótese que pode ser colocada é que como Lobato tentou publicar o seu romance a partir do estado de Nova York ele tenha encontrado maior resistência a publicação, uma vez que apesar de na época existir muito racismo em todo dos Estados Unidos, os estados do Norte, como Nova York tendiam a ser mais “moderados” em suas posições racistas. Enquanto nos Estados do Sul as relações raciais eram mais complicadas, tanto que os processos de segregação racial e até eliminação dos negros encontravam mais apoio nesses locais. Além disso, o fato de Monteiro Lobato ser latino pode ser uma outra hipótese quanto a falta de sucesso do autor para publicar o livro, já que a publicação de autores estrangeiros não conhecidos e principalmente se estes fossem de origem não europeia poderia ser um obstáculo de difícil superação nos Estados Unidos na década de 1920. Essas são hipóteses que carecem de maior sustentação, uma vez que seria necessário aprofundar a pesquisa nesse sentido para poder afirmá-las ou negá-las. Todavia, o fato de *O Presidente Negro* ter sido publicado no Brasil fala muito sobre as relações raciais do país. Visto que para um país que vendia-se como “mais harmonioso” em suas relações raciais, a própria publicação do livro deveria ter sido alvo de indignação, uma vez que ele sugere e defende a esterilização dos afrodescendentes, ou seja, da maior parte da população brasileira. Na década de 1920, o Brasil havia abolido a escravidão há pouco tempo e o racismo era parte essencial dessa sociedade, por mais que não houvesse leis de segregação como nos Estados Unidos, esse racismo dava-se em todas as esferas das relações sociais brasileiras, a publicação de *O Presidente Negro* é exemplo disso.

50 Apesar de ter vitimado principalmente homens negros eram vítimas do linchamento: chineses, indígenas, mexicanos, mulheres negras e também homens brancos. O linchamento teve cerca de 5 mil vítimas (GRANT, 2014, p. 261).

eram potenciais estupradores, o que tornou-se uma justificativa frequente para a prática do linchamento<sup>51</sup>. Entretanto, muitas vítimas do linchamento não foram acusadas de crimes, mas sim de transgressões sociais ou por questionarem o sistema de tratamento racial (EQUAL JUSTICE INICIATIVE, 2017, p. 5). O linchamento era frequentemente associado com um espetáculo público que atraía multidões de até algumas milhares de pessoas. E estava ligado a ideia de manter a ordem social, especialmente ao que refere-se a ordem racial que nesse caso era a da supremacia branca (GRANT, 2014, p. 261-4)<sup>52</sup>.

Na década de 1920 quando Lobato escreveu essa carta, o linchamento ainda acontecia nos Estados Unidos, porém o seu período de apogeu foi na década de 1890, talvez Lobato referia-se a um período próximo a esse ápice, uma vez que na década de 1890 ele era muito jovem<sup>53</sup>. O fato é que na década de 1920 houve uma queda significativa no linchamento e talvez por isso Lobato referia-se ao linchamento como uma prática de um período anterior<sup>54</sup>. Na década de 1920 os linchamentos diminuíram pela má impressão que eles passaram a gerar<sup>55</sup>. Porém, mesmo que ele chegasse no período em que refere-se na última frase, nada garantiria que o seu livro fosse publicado.

Podemos dizer que *O Presidente Negro* foi escrito pensando no público estadunidense, uma vez que Lobato o criou com a intenção de publicar nos Estados Unidos e até mesmo ser um best-seller no país. Desse modo, é necessário levar esse aspecto em consideração quando fazemos uma análise dessa obra, uma vez que ela pode expressar não necessariamente o que o autor acreditava, mas sim o que ele pensava que agradaria o público estadunidense.

De fato, parte da elite norte-americana era, na época, defensora da eugenia e não é exagero dizer que alguns de seus membros veriam a solução para o problema racial proposta no livro como positiva. Entretanto, a forma como a história chegou a sua conclusão com o extermínio dos negros a partir da esterilização também não agradaria boa parte do público que não veria a “solução” como viável ou ética. Todavia, *O Presidente Negro* de Lobato não foi

---

51 Apesar desse mito do homem negro estuprador as mulheres e crianças também foram vítimas da prática.

52 A maioria dos linchamentos ocorreram nos estados do Sul.

53 Lobato nasceu em 1882.

54 O gráfico sobre as taxas de linchamento por década pode ser encontrado em EQUAL JUSTICE INICIATIVE. *Lyching in America: Confronting the Legacy of Racial Terror*. Alabama: EJI, 2017, p. 44. Download através do site: <https://lynchinginamerica.eji.org/report-landing>. Acesso em: 23 de out. de 2022.

55 Nova York estado em que Lobato tentou publicar o seu livro há um caso registrado de linchamento em toda a sua história. Assim, esse estado fica muito aquém do número de linchamentos que aconteceram em outros estados, principalmente os do Sul do país. Os dados do linchamento por estado podem ser encontrados em: <https://lynchinginamerica.eji.org/explore>. Acesso em: 23 de out. de 2022.

publicado nos EUA como era seu desejo, por isso nunca saberemos como seria a verdadeira reação da população estadunidense diante do livro.

Tendo essa contextualização em mente, partirei para uma análise mais focada de partes do livro, especialmente as que referem-se à relação da eugenia entre o Brasil e os Estados Unidos.

No início do livro nos deparamos com o narrador e protagonista, Ayrton Lobo, que encontrar-se com um conhecido ao esperar atendimento em um banco, ao conversarem esse amigo entra no assunto da desonestidade e é nesse momento logo no começo do primeiro capítulo do livro que a temática da eugenia aparece pela primeira vez: “Ponho-me às vezes a imaginar como seriam as coisas cá na terra se um sábio eugenismo desse combate à desonestidade por meio da completa eliminação dos desonestos. Que paraíso!” (LOBATO, 2019, p. 7). Nessa frase podemos observar uma ideia recorrente entre os defensores da eugenia, a convicção de que a implementação dela geraria o fim dos males não só genéticos como morais da humanidade, a própria aplicação da eugenia era tida como a solução para a maioria dos problemas sociais e genéticos da sociedade.

Porém, o mais interessante para a história do livro é a resposta de Ayrton aos comentários de seu conhecido, uma vez que ele não havia refletido sobre a questão da desonestidade e sua relação com a eugenia. Ao ficar sem saber o que dizer o personagem responde o que vem a sua cabeça, o que descobriremos ser algo constante quando ele irá se deparar com as ideias expressadas pelo professor Benson e sua filha Miss Jane.

Em um diálogo que Ayrton tem com Benson, o professor constata que ele teve uma educação mediana, sem aprofundamento, o que é confirmado por Ayrton. Essa característica do personagem faz com que ele seja perfeito para servir como intermediário para Jane explicar não só o futuro dos Estados Unidos como também os princípios da eugenia e as discussões em torno dela. A falta de aprofundamento do personagem principal é o pretexto perfeito para Jane explicar da forma mais didática possível os fundamentos da eugenia.

O caráter didático da obra é uma característica de Lobato, uma vez que especialmente nas histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo, o autor explica diversas temáticas de forma simples através dos personagens (principalmente através da narração da Dona Benta) para as crianças entenderem coisas como história, geografia e ciências. A história de Jeca Tatu é outro exemplo disso, ela é curta, linear e explicava através da ficção as causas, consequências e o tratamento para a doença que acometia o Jeca, divulgando os ideais higienistas sem recorrer a

artigos ou dados numéricos, tornando assim a história um ótimo panfleto pró-higiene. Portanto, *O Presidente Negro* segue essa mesma lógica.

Quando Miss Jane pergunta à Ayrton o que pensa do povo americano na intenção de iniciar a história sobre o futuro do país, o personagem responde o seguinte: “Povo sem ideias, o mais materilão da terra, a gente do the biggest...” (LOBATO, 2019, p. 61), a frase em si não é nada além de uma repetição de uma fala do senhor Sá, seu patrão. Aqui podemos observar que por sua educação mediana, falta de senso crítico e repetição das ideias alheias, Ayrton apresenta-se como um personagem receptor das ideias de Benson, e principalmente de Jane, que depois da morte de seu pai, ou seja, na maior e mais importante parte do livro, assume a conversa com ele.

A evidente “superioridade” intelectual de Jane diante de Ayrton faz com que ele aceite as ideias e narrativas de Jane sobre a eugenia, sobre o futuro dos Estados Unidos e sobre as questões nacionais sem muito senso crítico, e mesmo nos momentos em que ele questiona as ideias de Miss Jane, Ayrton é suplantado nelas pelo conhecimento de Jane. Depois que Ayrton reproduz a frase Jane diz o seguinte a ele:

– Essa ideia não pode ser sua, senhor Ayrton. Soa-me frase feita das que se recebem no ar sem exame. A um povo que tanta romper com o álcool acha sem ideias? Poderá haver maior idealismo que o sacrifício de formidáveis interesses materiais do presente em vista de benefícios que só gerações futuras poderão recolher? Se o senhor Ayrton observar um pouco a psique americana verá, ao contrário, que é o único povo idealista que floresce hoje no mundo. Único, vê? Apenas se dá o seguinte: o idealismo dos americanos não é o idealismo latino que recebemos com o sangue. Possuem-no de forma específica próprio, e de implantação impossível em povos não dotados do mesmo caráter racial. Possuem o idealismo orgânico. Nós temos o utópico. Veja a França. Estude a Convenção Francesa. Sessão permanente de utopismo furioso – e resulta em que calamidades! Por quê? Porque irrealizável, contrário à natureza humana. Veja agora a América. Em todos os grandes momentos de sua história, sempre vencedor o idealismo orgânico, o idealismo pragmático, a programação das possibilidades que se ajeitam dentro da natureza humana (LOBATO, 2019 p. 61).

A resposta de Miss Jane além de contestar a afirmação de Ayrton mistura aspectos raciais com a ideia de idealismo orgânico e utópico<sup>56</sup>. Uma vez que para a personagem, o povo americano é um povo idealista, mas com o tipo de idealismo que é recebido pelo sangue, o qual é impossível de ser obtido por povos que não têm o mesmo caráter racial, tais como o povo latino e, portanto, brasileiro.

---

56 Os termos idealismo orgânico e utópico utilizados no livro são de Oliveira Viana (1883-1951).

O idealismo americano sendo denominado como idealismo orgânico/pragmático refere-se a um idealismo que se apoia apenas na realidade, nos dados da experiência. Enquanto o idealismo utópico atribuído aos latinos é um idealismo no qual não é levado em consideração os dados da experiência (BARBUY, 2018, p. 158). Ou seja, enquanto o idealismo latino não pode ser efetivo na prática, já que não leva em conta os dados da realidade, o idealismo americano é o seu oposto tanto na prática quanto em sua base. Sendo o idealismo orgânico americano atribuído ao sangue, portanto, a hereditariedade, ele só pode ser atingido por aqueles que têm o mesmo caráter racial. Sendo assim, nessa perspectiva, o idealismo orgânico está intrinsecamente ligado aos ideais das teorias raciais, uma vez que ele está relacionado aos princípios da superioridade racial.

Assim, ao levar em consideração a natureza humana, o idealismo estadunidense estava fadado ao sucesso. Como parte desse idealismo orgânico está, para Miss Jane, a consideração de que as raças são intrinsecamente desiguais e que por isso os seres humanos são desiguais entre si. Como parte disso, os latinos configuraram-se junto ao seu idealismo utópico como uma raça inferior, uma vez que até em sua prática de ideais o caráter racial é o determinante para o sucesso.

Isso dava-se porque a raça era para os para muitos intelectuais na década de 1920 um dos fatores centrais para pensar uma sociedade, era através dela e também das características hereditárias ligadas à ela que determinava-se como uma sociedade iria comportar-se. Apesar das particularidades presentes em cada região, tal como as diferenças entre concepções ligadas a eugenia no Brasil e nos Estados Unidos, como já exemplificado no primeiro capítulo, a questão racial era colocada como o foco para a construção de uma sociedade melhor. A eugenia era, nessa perspectiva, a solução para os males da sociedade na medida em que pregava a dissolução das características negativas da mesma.

Ao falar da Convenção Francesa, pertencente a Revolução Francesa, como um exemplo de como o idealismo utópico é prejudicial, Miss Jane coloca-se contra os ideais da Revolução e os caracteriza como contrários à natureza humana, enquanto o idealismo americano é condizente com essa natureza. A ideia de que os princípios ligados a Revolução Francesa são contrários a natureza humana, origina-se pelo menos em parte do fato de que as teorias raciais partem do entendimento de que os seres humanos não nascem iguais. Enquanto

os ideais revolucionários franceses partiam da convicção de que todos os seres homens nascem iguais e são naturalmente iguais<sup>57</sup>.

Porém, a Declaração de Independência (1776) e a Constituição dos Estados Unidos (1787) sofreram influência do liberalismo que inspirou a Revolução Francesa. A Declaração pressupunha que as pessoas eram iguais e dotadas de direitos inaliáveis como a liberdade e a vida. Enquanto a Constituição na XIV emenda (de 1868) determinava que cidadãos estadunidenses não poderiam ser submetidos a leis que restringissem os seus privilégios, ou serem privados de sua vida, liberdade ou bens sem um processo legal, ou mesmo negar a qualquer cidadão a igual proteção das leis<sup>58</sup>.

Na prática, esses ideais valiam somente para a população branca. O ideal de liberdade da declaração de Independência conviveu com a escravidão. E a cidadania da Constituição conviveu com as leis de segregação racial (as leis Jim Crow)<sup>59</sup>. Assim, apesar dos Estados Unidos sofrerem influência das ideias liberais, as teorias raciais e a eugenia encontraram um contexto histórico-cultural favorável para a sua disseminação<sup>60</sup>.

Outro aspecto relevante desse trecho sobre o idealismo é a questão do álcool que foi proibido em sua fabricação, transporte e venda pela 18ª emenda da constituição dos Estados

---

57 Por mais que esse princípio de igualdade não tenha sido aplicado durante o processo revolucionário principalmente quando falamos dos direitos a liberdade e igualdade relacionadas as mulheres - como profeminista Olympe de Gouges (1748-1793) expressará - e aos negros no caso da Revolução Haitiana, na teoria as ideias da Revolução Francesa pregavam igualdade e liberdade universais. Mas é possível dizer que alguns membros da revolução apoiavam o fim da escravidão baseado nos seus ideais, tanto que houve um período da Revolução onde a escravidão foi abolida nas colônias francesas. A abolição em questão foi feita em 1794 e a escravidão restaurada por Napoleão Bonaparte (1769-1840) em 1802.

58 A XIV emenda foi publicada depois da abolição da escravidão em todo o território nacional dos EUA, que aconteceu em 1863 e foi reafirmada com a XIII emenda.

59 Para a época era possível defender ideias como a liberdade e a igualdade considerando que esses conceitos valeriam apenas para um determinado grupo social – que nesse caso eram as pessoas brancas.

60 A Ku Klux Klan fundada em 1866 é um exemplo de como as ideias liberdade na legislação estadunidense eram (e são) violados, uma vez que a Ku Klux Klan dedicava-se a impedir que os afro-americanos exercessem os seus direitos à liberdade e à propriedade, e em casos como os de linchamento à própria vida. Os afro-americanos também foram cerceados de seu direito ao voto, especialmente nos estados do Sul dos EUA. A despeito das tentativas para garantir tratamento igual para todos independente da raça, como na Lei dos Direitos Civis de 1875 – que chegou a ser promulgada, mas acabou sendo declarada inconstitucional pela Suprema Corte – a segregação racial tornou-se uma realidade em todos os estados do Sul dos EUA. A segregação racial através das leis Jim Crow adquiriu legitimidade jurídica a partir do caso *Plessy vs. Ferguson*, que criou a doutrina dos “separados mas iguais”, que estabelecia a legalidade da segregação desde que as acomodações para negros e brancos fossem iguais (o que não acontecia na prática). Essa doutrina é um dos maiores exemplos de como a ideia de igualdade poderia conviver com um processo de segregação e marginalização de um grupo racial. Sobre isso ler: GRANT, Susan-Marry. **História concisa dos Estados Unidos da América**. São Paulo: Edipro, 2014.

Unidos e nos territórios sob jurisdição estadunidense, lei essa que vigorou entre 1920 até 1933<sup>61</sup>.

O alcoolismo no século XIX e no século XX foi impulsionado pela crescente industrialização o que trouxe não só problemas no contexto familiar como a violência doméstica e a negligência paterna que o vício acarreta, mas também constituía-se como um problema de esfera econômica. Estar alcoolizado no trabalho não só prejudicava a execução do mesmo como acarretava em demissões. E era considerado um problema da esfera moral, havia temores quanto as consequências do vício. Por isso, grupos religiosos, reformadores sociais e políticos tornaram-se defensores da proibição do álcool<sup>62</sup>.

A luta contra o álcool também tornou-se pauta importante para os eugenistas tanto da vertente norte-americana quanto da vertente higienista, uma vez que o alcoólatra era visto como uma pessoa que poderia passar o seu vício hereditariamente causando assim problemas para a sociedade. Na vertente higienista/lamarckista o alcoolismo era visto como um problema adquirido durante a vida do indivíduo, mas que poderia acarretar degenerações permanentes (hereditárias) que a longo prazo poderiam afetar uma população ou nação inteira<sup>63</sup>.

Por isso, o combate ao alcoolismo tornou-se uma das principais pautas dos eugenistas. Assim, os problemas morais e práticos que o alcoolismo causava foram incorporados pela eugenia como um dos obstáculos a serem superados em busca de uma sociedade eugenizada. Sendo assim, um benefício a ser adquirido pelas gerações futuras, como Jane disse<sup>64</sup>.

Seguindo a lógica do trecho anterior, ao representar os Estados Unidos como uma nação com características raciais positivas, Miss Jane destaca o papel do país como uma nação que atraiu os melhores elementos raciais:

---

61 Essa lei também é conhecida como Lei Volstead.

62 Segundo Susan-Marry Grant, empresários apoiaram a Lei Seca nos EUA porque queriam disciplinar os seus funcionários. Entretanto, o argumento em defesa da lei partiu principalmente de reformadores sociais, dentre eles religiosos e políticos, uma vez que os mesmos tinham temores quanto o ambiente das cidades que tinham cada vez mais bares, locais que eram vistos como nefastos que geravam decadência social e manipulação política.

63 A preocupação de Monteiro Lobato com o álcool não é expressa somente nessa obra literária, o autor falou do vício em cachaça dos roceiros em um de seus artigos publicados pelo *O Estado de São Paulo*. No artigo, Lobato defende que o álcool (nesse caso específico a cachaça) gerava degenerescência fisiológica. Porém, a cachaça era diante de um quadro de miséria, desnutrição e doenças, o único lenitivo dos caboclos, uma maneira de fugir da triste realidade utilizando-se de um veneno – o álcool. Veneno esse que só agrava os problemas que o roceiro pretendia fugir. O artigo pode ser encontrado em: LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Globo, 2010, p. 47.

64 Os sacrifícios de interesses materiais mencionados por Miss Jane provavelmente referiam-se a proibição de uma das grandes indústrias dos Estados Unidos na época: a indústria alcoólica.

O que é a América, senão a feliz zona que desde o início atraiu os elementos mais eugênicos das melhores raças europeias? Onde a força vital da raça branca, se não lá? [...] Ondas sucessivas dos melhores elementos europeus para lá se transportaram. Depois vieram as leis seletivas da emigração, e as massas que a procuravam, já de si boas, viram-se peneiradas ao chegar. Ficava a flor. O restolho voltava... Note o enriquecimento de valores humanos que isso representou para aquela nação (LOBATO, 2019, p. 63).

A imigração era de fato uma das principais bandeiras dos eugenistas para selecionar os elementos raciais de um país. Por isso, os eugenistas tentavam aprovar leis anti-imigração ou restritivas a imigração de alguns setores étnicos/raciais enquanto incentivam a imigração das etnias “desejáveis”. Nos EUA, em particular, essa preocupação com a imigração chegou a traduzir-se em lei com o Chinese Exclusion ACT [Lei de Exclusão dos Chineses] em 1882, tornada permanente em 1902, que interrompeu a imigração dos chineses na Califórnia e bloqueou a naturalização dos que estavam no país<sup>65</sup>. As leis de restrição a imigração eram defendidas pelos eugenistas estadunidenses como forma de prevenir o “suicídio da raça” feito através do crescimento da população “racialmente inferior” (DIWAN, 2020, p. 54)<sup>66</sup>.

Mas na época em que foi escrito *O Presidente Negro* os EUA era uma nação multiétnica, com descendentes de africanos que foram forçosamente trazidos para o país como escravos, com indígenas. Mas também com imigrantes ingleses, holandeses, alemães, escoceses, irlandeses, franceses, poloneses, judeus, italianos, suecos e noruegueses. Em menor número também havia imigrantes da Ásia, dos quais alguns eram chineses, coreanos, filipinos e indianos. O problema era que nem todas essas etnias eram aceitas pelos eugenistas, uma vez que os imigrantes asiáticos, judeus, os italianos, irlandeses e poloneses eram considerados raças inferiores. No caso específico dos europeus, ou seja, os italianos, irlandeses e poloneses estes eram malvistas pelos americanos de origem anglo-saxã por serem católicos e serem considerados “brancos inferiores” para os padrões germânicos.

Os eugenistas estadunidenses consideravam que a imigração feita de forma contínua era fonte de degradação biológica do país. A campanha para esterilizar os socialmente inadequados não seria suficiente se os eugenistas não erguessem uma barreira para a imigração de “inadequados”. Assim, uma campanha para manter os imigrantes defeituosos fora os EUA era de extrema importância.

---

65 No caso brasileiro a imigração de chineses para o país também foi alvo dos defensores das teorias raciais, uma vez que, para eles, os chineses não só atrasariam o processo de embranquecimento do país como também levariam à degradação moral.

66 Segundo Susan Marry Grant (2014), em 1920 existiam 13.920.692 pessoas nascidas fora dos Estados Unidos no país, o que representava cerca de 13,2% da população.

Na década de 1920 houve uma intensa campanha dos eugenistas em relação a imigração, uma vez que eles mobilizavam as tensões existentes em relação a imigração e o racismo na sociedade americana naquele período ao seu favor. Isso porque entre 1890 e 1920 chegaram dezoito milhões de imigrantes no país, entre eles luteranos alemães, católicos irlandeses, judeus russos e eslavos ortodoxos que não se misturavam nem se integravam a sociedade estadunidense (BLACK, 2003, p. 69-312).

A maior parte dos eugenistas acreditavam que a maioria dos imigrantes que chegaram depois de 1890 eram geneticamente defeituosos, essas pessoas que imigraram nesse período acabaram amontoando-se em bairros pobres de Nova York e de cidades costeiras. Alguns dos eugenistas estadunidenses eram contra a imigração do sudoeste/península ibérica da Europa. Devenport chegava defender eles deixariam a pigmentação mais escura e que eles levariam a mais crimes e imoralidade sexual (BLACK, 2003 p. 144-309)..

Por outro lado, o Brasil e a América Latina como um todo tinham a sua composição principalmente de imigrantes advindos de etnias consideradas indesejáveis pelos eugenistas estadunidenses, tais como portugueses e italianos. A política brasileira em relação a imigração desde o século XIX e também nos anos 1920 tinha dois propósitos: trazer imigrantes europeus com a finalidade de servirem de mão de obra após a abolição da escravidão e de embranquecer o país que contava com um grande contingente populacional de afrodescendentes. Para cá imigraram principalmente italianos e alemães. No Brasil, assim como nos Estados Unidos, foram feitos esforços para restringir a imigração de pessoas de etnias específicas, tanto que houve até o Projeto de Lei nº 209, de 1921, que pretendia proibir a imigração de pessoas da raça preta para o Brasil<sup>67</sup>.

Temia-se que a entrada de pessoas não brancas no Brasil através da imigração atrasasse o processo de branqueamento do país. Tanto que nesse sentido houve um decreto de 28 de junho de 1890 que impunha uma cláusula que dizia que a imigração de asiáticos e africanos seria aceita mediante autorização do Congresso Nacional, enquanto impunha a entrada livre dos demais imigrantes (aqui supunha-se europeus) desde que aptos para o trabalho e sem ações criminais nos seus respectivos países. Porém, é pouco provável que naquele período asiáticos e africanos tentassem imigrar para o Brasil e apesar da restrição

---

<sup>67</sup> Segundo Thomas Skidmore, o contexto do surgimento desse Projeto de Lei é o seguinte: em 1921 houve incentivos imigratórios para a chegada de agricultores norte-americanos no Brasil, com a concessão de terras no Mato Grosso. Porém, descobriu-se que os norte-americanos que viriam para o país travam-se de negros, os quais não eram desejados nem pelos norte-americanos e nem pelos sul-americanos. No fim, os incentivos foram cancelados pelo fato dos imigrantes serem negros.

para esse tipo de imigrante, esse decreto nunca teve aplicação prática (SKIDMORE, 1976, p. 155).

A partir das políticas imigratórias, ou pelo menos, das aspirações que a maioria dos eugenistas dos Estados Unidos e do Brasil tinham para uma política imigratória, pode-se perceber uma diferença fundamental.

Os EUA não pretendia afastar somente imigrantes não europeus do país, havia também princípios discriminatórios entre os povos europeus, uma vez que considerava-se apenas algumas etnias daquele continente como geneticamente adequadas.

No caso brasileiro havia uma discriminação em torno da origem do imigrante, mas desde que este viesse da Ásia, da África ou fosse não-branco (como, por exemplo, um norte-americano negro). A política imigratória e os discursos hegemônicos, ao contrário dos EUA, não faziam distinção entre imigrantes oriundos da Europa, apresentando vários incentivos para a vinda dos mesmos. Assim, o que podemos observar nesse trecho sobre a imigração nos Estados Unidos é uma posição que pauta-se na visão americana sobre o fenômeno imigratório que apresenta, mesmo que indiretamente, uma crítica a política imigratória brasileira.

Desse modo, ser composto pelos elementos mais eugênicos das raças europeias e ao implementar leis seletivas de imigração que se baseavam em princípios eugenistas, os EUA é colocado como um local onde havia um conglomerado de pessoas eugênicamente adequadas, como o lugar onde a raça branca, superior por princípio, apresenta a sua força vital. Não só isso, mas também a composição racial daquele país fez com que ele elevasse o seu padrão moral e ideológico, uma vez que o arranjo racial “adequado” era essencial para tal<sup>68</sup>.

Quadro que apresentava-se como o oposto do Brasil, um país extremamente miscigenado e que era visto por parte da elite da época como um local onde os padrões de moralidade estavam muito aquém dos ideais. Na época podia-se atribuir isso ao subdesenvolvimento do país, as doenças ou a raça/hereditariedade. No livro a explicação atribuída era a raça/hereditariedade como o problema<sup>69</sup>.

---

68 Além disso, em outra passagem Jane atribui o sucesso econômico dos Estados Unidos ao fenômeno eugênico que era o país, ao mesmo tempo em que argumenta que a Europa estava sendo drenada dos seus melhores elementos, sendo o continente, no futuro, conforme as suas visões no Porivoscópio, dominado pela pigmentação mongólica (Lobato, 2019, p. 64).

69 Uso “raça/hereditariedade” juntos porque o problema não era visto como apenas de ordem racial, mas também hereditária. Pois, as características “inferiores” na eugenia não eram apenas relacionadas à raça, mas também às deficiências, doenças, padrões morais e de comportamento que eram entendidos como sendo hereditários.

Diante do comentário de Miss Jane, Ayrton argumenta que nos Estados Unidos não entraram apenas as pessoas de maneira espontânea como Jane apontava, mas que os negros entraram a força no país. Ao que Jane responde o seguinte: “Entrou o negro e foi esse o único erro inicial cometido naquela feliz composição.” (Lobato, 2019, p. 65), ou seja, apesar do caráter eugênicamente adequado dos elementos europeus que entraram nos EUA, os negros representavam um problema para a questão racial no país.

Mas um dos pontos mais significativos desse trecho é a resposta que Ayrton dá a Miss Jane e a discussão que eles começam sobre a questão racial no Brasil e nos EUA. A citação é longa, mas é interessante reproduzi-la uma vez que ela apresenta diversos elementos importantes para entender não só a posição adotada pelo livro em relação a eugenia e as abordagens adotadas pelo Brasil e pelos EUA, como também expressa uma das discussões mais importantes na época sobre o assunto:

-Erro impossível de ser corrigido [...]. Também aqui arrostamos com igual problema, mas a tempo acudimos com a solução prática – e por isso penso que ainda somos mais pragmáticos do que os americanos. A nossa solução foi admirável. Dentro de cem ou duzentos anos terá desaparecido por completo o nosso negro em virtude de cruzamentos sucessivos com o branco. Não acha que fomos felicíssimos na nossa solução?

– Não acho [...] A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável piora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças díspares. Caráter racial é uma cristalização que às lentas se vai operando através dos séculos. O cruzamento perturba essa cristalização, liquefã-la, torna-a instável. A nossa solução deu mau resultado.

– Quer dizer que prefere a solução americana, que não foi solução de coisa nenhuma, já que deixou as duas raças a se desenvolverem paralelas dentro do mesmo território separadas por uma barreira de ódio? Aprova então o horror desse ódio e todas as suas tristes conseqüências.

– Esse ódio, ou melhor, esse orgulho [...] foi a mais fecunda das profilaxias. Impediu que uma raça desnaturasse, descristalizasse a outra, e conservou a ambas em seu estado de relativa pureza. Esse orgulho foi o criador do mais belo fenômeno da eclosão étnica que vi em meus cortes do futuro.

– Mas é horrível isso! [...]

[...]

– Não há mal nem bem no jogo das forças cósmicas. O ódio desabrocha tantas maravilhas quanto o amor. O amor matou no Brasil a possibilidade de uma suprema expressão biológica. O ódio criou na América a glória do eugenismo humano (Lobato, 2019, p. 65-66).

Nesse trecho fica claro que o personagem de Ayrton representa a visão majoritária no Brasil sobre a miscigenação como a solução para as questões raciais. Enquanto Miss Jane

defende a posição estadunidense de condenação da miscigenação racial como um elemento que levaria a degeneração.

A “solução” dos Estados Unidos era para a maioria dos brasileiros algo desumano e contraproducente, isso porque no Brasil a miscigenação era vista como algo benigno ao ponto de livrar o país de todos os traços africanos e indígenas em um futuro não muito distante. A miscigenação sempre ocorreu em grande escala no Brasil, a política racial do país também a incentivava, uma vez que esse era o método hegemônico para solucionar o “problema racial”.

Contudo, nos Estados Unidos a miscigenação também foi um fenômeno que deu-se de forma frequente por conta do sistema escravocrata, mesmo que houvesse métodos para impedir que os não brancos se tornassem maioria. É justamente esse fato que os brasileiros pareciam ignorar na época e é o que parece acontecer em *O Presidente Negro*, uma vez que esse trecho separa a política racial dos dois países em dois polos: o da miscigenação e o da separação das raças.

O fato da miscigenação no Brasil ser criticada por autores estrangeiros que defendiam a eugenia é de amplo conhecimento. Um dos comentários mais famosos em relação a isso é o relato de Luis Agassiz (1807-1873), um pesquisador suíço que publicou ao retornar aos Estados Unidos em 1865 um relato de viagem depois de vir ao Brasil no qual critica o hibridismo racial do país:

que qualquer um que duvide dos males da mistura de raças, e inclua por mal-entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que as separam, venha ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental (apud SCHWARCZ, p. 17).

Portanto, a personagem Jane estava reproduzindo parte do discurso das elites europeias e norte-americanas sobre a miscigenação ao defender que ela causava a perda das qualidades dos brancos e dos negros. Nesse sentido, a miscigenação é vista aqui como essencialmente negativa e o Brasil é tido como um dos maiores exemplos sobre os efeitos negativos dessa prática. Porém, a elite brasileira tendia a não ver a miscigenação como ameaça, normalmente era vista como solução para o problema racial, tanto que uma parte pequena da elite era composta por mulatos, principalmente os de pele clara<sup>70</sup>.

<sup>70</sup> Fato conhecido das relações raciais brasileiras é que quanto mais um indivíduo mestiço apresenta fenótipo branco menos preconceito e mais oportunidades ele recebe em relação aos mestiços de pele escura e aos

A posição brasileira de retoricamente considerar horrível o ódio racial existente nos Estados Unidos e de defender a miscigenação, coloca o país no lugar de apresentar-se como uma sociedade onde a harmonia racial era regra. Levando a crer que o país resolveria o problema racial de maneira pacífica e gradual obtendo através disso uma sensação de superioridade moral em relação aos Estados Unidos, onde o ódio e a segregação pautavam boa parte das relações raciais.

A crença brasileira de que o branqueamento resolveria a questão racial em 100 ou 200 anos também dava uma perspectiva melhor ao futuro do Brasil em relação ao que aconteceria nos EUA. Por outro lado, a visão estadunidense considera que o ódio racial foi uma prática para atenuar os problemas hereditários causados pela miscigenação racial, uma vez que conservava as raças em seu estado de pureza, ao mesmo tempo que prevenia a degeneração da sociedade.

Muitos analistas brasileiros consideravam que a segregação resultante das rígidas fronteiras raciais nos Estados Unidos tonava impossível a diluição do africano e que o problema racial estadunidense seria insolúvel, difícil ou perigoso; ao passo que o Brasil solucionaria essa questão sem esforço (SKIDMORE, 1976, p. 88).

O fato de o Brasil não ter uma divisão binária e clara de raça como nos Estados Unidos (que colocava os seus mestiços dentro da categoria de negro) – há uma categoria intermediária no Brasil definida como “mulato”, mestiço ou pardo – não torna o país adepto de uma harmonia racial como os discursos das primeiras décadas do século XX faziam acreditar. Uma vez que o mito de um país harmônico racialmente falando (o que depois vai ficar conhecido como a democracia racial) foi criado não a partir da realidade, mas sim de um desejo de construir uma imagem do país alinhada com a identidade nacional que estava sendo construída na época.

Outro fator interessante dessa citação, é que ao defender uma posição científicista da realidade, Miss Jane descarta o argumento da moralidade sobre a solução estadunidense. Já que coloca todo o peso do ódio racial como um fenômeno que respeita a ordem cósmica das coisas. Uma vez que a separação biológica entre seres humanos inferiores e superiores era, para eles, não uma divisão político-ideológica, mas sim um dado da natureza pura e simples. Dessa maneira, adotar uma posição que leva ao sofrimento de determinados grupos sociais não representava bem ou mal, mas simplesmente um dado da realidade.

Um trecho que destaca essa visão cientificista de realidade é quando Miss Jane fala das leis restritivas que foram implementadas depois do surgimento do Mistério de Seleção Artificial nos EUA, que levou a criação de diversas leis que limitavam a reprodução. Essas leis foram, para a personagem, responsáveis por uma melhora impressionante da qualidade o homem:

O número dos malformados no físico desceu a proporções mínimas – sobretudo depois do ressurgimento da sabia lei espartana.

– A que matava no nascedouro as crianças defeituosas? - exclamei arrepiado. - Tiveram eles a coragem de fazer isso?

– Se o senhor Ayrton visse, como eu vi, o resultado dessa e de outras leis semelhantes, só se admitiria da estupidez do homem em retardar por tanto tempo a adoção de normas tão fecundas. Entre cortar no início o fio da vida a uma posta de carne sem sombra de consciência e deixar que dela saia o ser consciente que vai vegetar anos e anos na horrível categoria dos “desgraçados”, a crueldade está no segundo processo. A lei espartana reduziu praticamente a zero o número dos desgraçados por defeito físico. Restavam os desgraçados por defeito mental. (LOBATO, 2019, p. 69).

Assim, para a implementação da eugenia valia praticamente tudo, independente do sofrimento e das consequências que ela teria para os grupos marginalizados. Para os eugenistas as noções de liberdade individual e igualdade entre os seres advindas do liberalismo não eram mais do que falsificações da realidade, da natureza. As noções de moralidade tão pouco eram um argumento válido, visto que a lei da sobrevivência do mais forte (o mais correto na teoria darwiniana seria dizer que era a lei de sobrevivência do mais adaptado) estava acima de qualquer noção humana, seja ela estritamente liberal ou moral. Entretanto, a eugenia também tinha elementos calcados na moral, uma vez que condenava coisas como a “perversidade sexual”, a prostituição e o alcoolismo, mas para eles antes que um dado da moralidade essas questões eram genéticas e só seriam resolvidas através da seleção hereditária dos indivíduos mais adequados.

Como já destacado anteriormente, cada um dos personagens representa nessa citação o posicionamento hegemônico de cada país. Nesse trecho, bem como no restante do livro, a posição de Miss Jane sai triunfante, isso porque durante a narrativa Ayrton é descrito como uma pessoa com pouca escolaridade e sabedoria. Desse modo, ao confrontar as suas ideias iniciais sobre o assunto com as de Jane que apresentam mais rebuscamento, Ayrton muda o seu pensamento e passa a defender a eugenia sob os moldes norte-americanos, mostrando assim, na narrativa do livro, a superioridade da visão estadunidense em relação à brasileira.

Outro fator importante da narrativa do livro é a Lei Owen (ou como era chamado: Código da Raça) criada por Walter Owen:

A lei Owen como era chamado esse Código da Raça, promoveu a esterilização dos tarados, dos malformados mentais, de todos os indivíduos em suma capazes de prejudicar com má progênie o futuro da espécie. [...]

[...]

[...] Desapareceram [...] os surdos-mudos, os aleijados, os loucos, os morféticos, os histéricos, os criminosos natos, os fanáticos, os gramáticos, os místicos, os retóricos, os vigaristas, os corruptores de donzelas, as prostitutas, a legião inteira de mal-formados no físico e no moral, causadores de todas as perturbações da sociedade humana. Essas leis está claro que eram fortemente restritivas da natalidade, sobretudo, no começo, quando havia quase tanto joio quanto trigo. Crescer para a América não equivalia mais a avultar às tontas em número, como hoje, e sim a elevar o índice mental e físico dos seus habitantes. Os Estados Unidos (e o Canadá, que já se fundira neles) cresciam dessa maneira admirável, se bem que incompreensível para nós hoje, que vivemos em pela licenciosa anarquia procriadora. (LOBATO, 2019, p. 70).

Como já destacado anteriormente, já no período de escrita e publicação de *O Presidente Negro* alguns estados dos Estados Unidos contavam com leis que legalizavam a esterilização. O fato da eugenia já ser praticada naquele contexto talvez levasse a crença de que no futuro os EUA fosse uma nação na qual as leis eugênicas tivessem abrangência nacional, futuro esse que era uma das maiores aspirações dos militantes do movimento naquele período. Provavelmente na época não era difícil imaginar que a eugenia tinha grandes chances de ser um movimento hegemônico no país, na medida em que ela era uma das maiores pautas daquele período histórico. Do mesmo modo, Monteiro Lobato ao inteirar-se das discussões eugênicas presentes nos EUA conseguiu imaginar um futuro no qual a eugenia prevalecia, eliminando aos poucos todos os degenerados, inclusive os negros como é revelado no fim do livro.

Entretanto, na medida em que os eugenistas norte-americanos poderiam ver o futuro do movimento sendo vitorioso em suas leis sobre a esterilização e segregação dos “degenerados”. No Brasil a eugenia seguia outro caminho e outra solução para o futuro do país, uma vez que o higienismo era visto como a resposta para dismantelar os grupos sociais que eram citados pelos estadunidenses. Para o higienismo era a resolução da questão da saúde pública a resposta para os problemas sociais brasileiros, no Brasil acrescentava-se à isso a política de branqueamento que procurava eliminar os negros e indígenas através da miscigenação contínua com os brancos. Desse modo, apesar de ter métodos diferentes para

chegarem em um resultado, fundamentalmente o que a elite brasileira e estadunidense pretendiam era chegar no mesmo fim.

### 3.4 O PRESIDENTE NEGRO NOS JORNAIS

Outro ponto importante para a análise que me proponho a fazer do *O Presidente Negro* são as menções do livro nos jornais de época. A partir deles pretendo compreender parte das reações ao romance na época que ele foi lançado, o processo de divulgação dele nos jornais e principalmente como a questão da eugenia foi discutida a partir do livro.

A maioria das menções do livro nos jornais são de caráter positivo. Porém, um ponto de crítica feito a Lobato em relação aos posicionamentos do romance é o entusiasmo e os elogios que o autor faz aos Estados Unidos.

Parte das críticas ao romance escritas nos jornais destacam que o livro seria traduzido em outras línguas, especialmente para o inglês destinado a publicação dos Estados Unidos. A expectativa que foi gerada era que *O Presidente Negro* seria uma obra de sucesso internacional e levaria Lobato a ser um best-seller nos Estados Unidos ou mesmo em outros países, esse sentimento expresso pelos críticos vinha do próprio Lobato que até mesmo nas propagandas do livro nos jornais dizia que ele iria ser publicado em alguns países.

Isso porque uma parte importante das menções nos jornais sobre *O Presidente Negro* são as propagandas feitas do livro. Como destacado anteriormente, Lobato mencionou o seu desejo de divulgar *O Presidente Negro*. Outro ponto relevante é que o autor acreditava que conseguiria publicar o livro internacionalmente, especialmente nos Estados Unidos. As propagandas presentes nos Jornais destacam exatamente esse desejo do autor de publicar em outras nações, tanto que as propagandas nos jornais afirmam que o livro seria publicado simultaneamente nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Alemanha e na Espanha.

O desejo de Lobato em publicar nos EUA devia-se a expectativa de que ele tornar-se-ia um autor conhecido internacionalmente, mas também porque os Estados Unidos tinham um mercado editorial muito maior do que o brasileiro, o que geraria uma venda de exemplares bem mais volumosa do que ele poderia alcançar no Brasil. Nesse sentido, a escolha do autor por abordar um assunto como a eugenia e de tratar do futuro dos Estados Unidos deu-se porque ele estava pensando em seu público-alvo, que não era somente o brasileiro, mas também o estadunidense.

Boa parte das críticas resumem-se basicamente em fazer um resumo da história e a fazer elogios ao autor e ao livro. O interessante é que apenas duas das críticas refere-se as ideias eugênicas presentes na história de *O Presidente Negro* de maneira negativa, sendo que as duas criticam a ideia presente no livro de que a miscigenação seria danosa. Porém, do lado dos defensores das políticas eugênicas de esterilização e controle dos casamentos, Lobato foi elogiado. A política americana de institucionalizar a esterilização em alguns estados do país era conhecida pelos membros da elite brasileira e o fato de Monteiro Lobato ter escrito um romance que pautava essa questão chamou atenção de, pelo menos, alguns membros dessa elite partidária da eugenia.

A crítica a miscigenação presente em *O Presidente Negro* chamou a atenção de alguns críticos nos jornais, uma vez que a visão majoritária da época no Brasil era que a miscigenação não era um fator negativo. Um texto que comenta o livro em particular apresenta não só uma crítica em relação ao pessimismo relacionado a miscigenação como também questiona as teorias raciais.

O escritor do texto destaca como a crença cega na ciência seria danosa e com efeitos funestos. O autor em questão chama atenção para o catolicismo latino e para o posicionamento que os latinos deveriam fazer em relação a essas doutrinas: o de oposição a elas uma vez que gerariam efeitos indesejáveis que não seriam capazes de serem calculados<sup>71</sup>. Um dos trechos do comentário sobre o livro deixa bem claro a visão do autor contra a eugenia<sup>72</sup>:

É irrisório pensar-se que a solução dos problemas humanos está em aplicarem à espécie processos inspirados nas leis de Mendel, referentes à botânica e à zoologia, nas vistas sociologias de um Gobineau, já tão desmentidas, [...]. Nem nas destes nem nas de outros biólogos, sociólogos ou poetas já conhecidos ou por aparecer. (VICTOR, 1927, p. A4)<sup>73</sup>.

A oposição apresentada aqui em relação a eugenia não era rara entre os membros da elite intelectual brasileira. A negação da eugenia que baseava-se nos princípios de degeneração do povo brasileiro com base nos largos processos de miscigenação entre indígenas, negros e brancos era uma maneira de tornar viável a própria ideia de um projeto de nação brasileira que pautava-se na esperança de que o país poderia avançar tanto no sentido

71 Esse autor em questão não era antiamericanista como podemos imaginar com o olhar de hoje. Ele chega a dizer que admira o povo americano.

72 Uma ressalva é que esse autor poderia ser contrário a vertente eugênica que pregava a intervenção no processo de reprodução humana, mas isso não impedia que ele fosse partidário da eugenia higienista.

73 A gramática desse texto foi adaptada para os padrões atuais para a leitura ficar mais compreensível.

da melhora dos seus problemas sociais quanto econômicos. A ideia de que a hereditariedade era fator determinante para o sucesso de uma nação inviabilizava um país como o Brasil. Portanto, a visão majoritária dessa elite que queria construir um projeto de nação era de uma eugenia não determinista por essência.

O fato do autor comentar sobre Gobineau faz parte desse contexto de uma elite brasileira que passa a questionar o pessimismo em relação a miscigenação. Isso porque, Athur de Gobineau (1816-1882) foi um dos principais teóricos do racismo científico do século XIX. Esse pensador defendia que a miscigenação gerava a degeneração das raças no aspecto físico e intelectual. Gobineau chegou a visitar o Brasil, onde permaneceu no Rio de Janeiro como enviado francês. O autor apresentava pouca simpatia com o país por sua característica populacional miscigenada: “Trata-se de uma população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadoramente feia” (apud SCHWARCZ, 1993, p. 17). Gobineau acreditava que nenhum brasileiro tinha “sangue puro” justamente por conta da disseminação da miscigenação que havia no país.

Outro fator interessante nos comentários desse crítico é a religião. O fato do autor ter mencionado o catolicismo ilustra como a religião teve um papel importante nos rumos do movimento eugênico nos países católicos, especialmente na América Latina. Uma vez que a Igreja Católica, como citado anteriormente, opunha-se aos processos de intervenção compulsória nos casamentos e na reprodução humana, já que essa competência estaria no campo da religião e não da ciência ou da legislação eugênica.

Todavia, a defesa da eugenia mendeliana podia verificar-se entre os membros da elite brasileira, uma das críticas ao *O Presidente Negro*, ilustra muito bem isso:

Não são as montanhas de sebo humano da China, nem o minúsculo cérebro africano, nem mesmo os indesejáveis morais, sob formas esbeltas e rosadas, que os países judaicos (Rússia, Polônia, Turquia, etc.), nos injetam, que irão de contaminar a essência as reservas arianas da evolução das raças e fazer a América desviar-se de suas coordenadas naturais para a futura civilização do mundo ocidental. Ali trabalham as elites para esse provir radioso: o meio físico abre-se, como um palco de par em par, para o advento dessa raça eleita de tipos eugênicos, num ambiente de belezas e prosperidades.

[...]

A mescla das raças, não afins, a adoção de leis ilógicas, o exagerado liberalismo penal – desnortearão toda a ciência administrativa: os cegos, os vadios, os infecciosos, os criminosos natos e os loucos destruirão toda a ordem social no futuro, se não houver corretivos enérgicos, drásticos, por parte de legisladores e estadistas. Essa operação que a natureza faz cruelmente poderíamos fazê-la com anestésicos subtis, com arte, com humanidade... (BELMONTE, 1927, p. A4).

O livro chegou mesmo a ser visto como um representante do ideal eugênico em um dos textos presentes nos jornais que intitulou o seu texto de: “A mais perfeita síntese eugênica”

A parlenda de Monteiro Lobato é sobremodo instrutiva. Mas tem a desvantagem de nos deixar *chocados* pela tristeza desta realidade: - não poderemos alcançar, por muito que nos eugenismos, o ano 2228 na América, e provavelmente (o escritor não diz mais adivinha-se) o ano 3000 e tantos no Brasil (FILHO, 1927, p. A1).

De fato, o caráter instrutivo e didático de *O Presidente Negro* é visível em uma primeira leitura do livro. Todavia, o mais interessante dessa citação refere-se ao desejo do autor de haver uma sociedade eugenizada aos moldes dos Estados Unidos fictício do ano 2228 apresentado no livro e a constatação com tristeza da realidade de seu tempo, onde o eugenismo não era aplicado de maneira generalizada, como o era na história de *O Presidente Negro*.

Inclusive, apesar de considerar a hipótese do eugenismo ser aplicado de maneira sistemática no Brasil no futuro, o autor acreditava que isso seria feito séculos depois em relação aos Estados Unidos. O que era uma constatação da própria realidade da década de 1920, pois os EUA era um país que tinha a aplicação da eugenia muito mais avançada do que o Brasil. Também porque a compressão hegemônica brasileira sobre a eugenia, não era a mesma do que a norte-americana e, por isso, não concentrava os seus esforços no controle da reprodução dos chamados “degenerados”.

A discussão sobre a eugenia era essencial para o Brasil, assim como para a maior parte das elites mundiais naquele período. Porém, não havia apenas uma maneira de interpretar o que a eugenia era, como deveria ser colocada em prática, ou quais seriam os princípios ideais para aplicar na humanidade a fim de resolver os problemas sociais e econômicos de um país. Também não havia sequer o consenso de que a eugenia seria a solução para esses problemas.

Entretanto, o movimento era um fator crucial para as discussões intelectuais na época, boa parte da elite defendia a eugenia; no caso brasileiro especialmente em sua vertente higienista. Por esse motivo, essa era uma questão colocada em pauta recorrentemente na década de 1920. O fato de *O Presidente Negro* tratar dessa temática, ainda mais levando em consideração uma visão eugênica que alinhava-se mais ao pensamento hegemônico norte-americano em detrimento ao brasileiro, foi, sem dúvida, motivo de debate entre essa elite que viu no livro mais uma contribuição à essa disputa em torno não só da eugenia, mas também

dos verdadeiros significados que a elite brasileira queria dar ao debate racial na década de 1920.

## 4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa procurou investigar as relações do *O Presidente Negro* com a eugenia diante do contexto histórico presente na década de 1920. Para isso, o primeiro capítulo dedicou-se a contextualização histórica da eugenia enquanto movimento e a sua história nos Estados Unidos e no Brasil até a década de 1920. O segundo capítulo, por sua vez, partiu para uma análise de fontes, levando em consideração as ligações de Monteiro Lobato com a eugenia, o contexto de publicação de *O Presidente Negro* e o exame dos discursos eugênicos presentes no romance. Por fim, traçou-se um panorama da repercussão do romance nos jornais de época através das propagandas e críticas ao livro.

A partir desses elementos, a presente pesquisa construiu algumas considerações em relação ao contexto histórico da época; as diferentes visões eugênicas do Brasil e dos EUA; das relações de Lobato com a eugenia e, por fim; das repercussões da obra entre a elite brasileira.

A eugenia era na década de 1920 um dos assuntos mais abordados pelas elites intelectuais, como parte desse contexto existiam diferentes interpretações sobre o que ela significava. A contraposição entre os pensamentos hegemônicos dos eugenistas estadunidenses e os brasileiros era uma das características mais evidentes disso. Como parte desse debate, *O Presidente Negro* refletiu enquanto obra literária as discussões da época em que foi escrito. A história do livro narra de maneira didática os princípios da eugenia, mas também ilustra os discursos estadunidenses sobre a eugenia e a visão brasileira desse fenômeno.

Enquanto escritor e membro da elite, Monteiro Lobato fez parte de um dos assuntos de maior relevância na época: a discussão sobre a eugenia. Partidário e militante do higienismo na época em que reformula a imagem de Jeca Tatu, Lobato foi sem dúvida um dos mais notáveis defensores da eugenia na história do Brasil. Porém, em seu romance *O Presidente Negro* Lobato escreve uma ficção favorável a visão hegemônica norte-americana do fenômeno, na qual a esterilização dos degenerados era tida como a solução para resolver os problemas sociais, morais e econômicos da humanidade.

Como indivíduo Lobato mudou as suas visões de mundo constantemente, a procura de uma maneira de solucionar os problemas brasileiros, uma vez que achar um forma desenvolver o Brasil foi uma constante em sua vida. A eugenia foi sem dúvida uma dessas

soluções que o autor deparou-se ao longo da sua vida. A eugenia como movimento prometia solucionar os problemas econômicos, morais e sociais de uma sociedade, então não é uma surpresa que Lobato tenha atraído-se por ela, ainda mais em uma época em que a eugenia era um dos pensamentos mais difundidos entre as elites.

Outro fator relevante era que Lobato pretendia publicar *O Presidente Negro* nos Estados Unidos e também em países como a Alemanha, Espanha, Inglaterra e França. O seu foco de publicação era os Estados Unidos, tanto que escreveu o livro pensando em publicá-lo no país. O romance de *O Presidente Negro* dedica boa parte de suas páginas narrando o futuro dos EUA, sob uma perspectiva onde a eugenia triunfa política e socialmente. Lobato escreveu o romance pensando justamente em como fazer sucesso nos Estados Unidos, onde poderia conseguir alcançar um mercado editorial muito maior e mais lucrativo do que o brasileiro. Para isso, escolheu escrever sobre um dos temas de maior repercussão na época: a eugenia.

Dentre a elite letrada brasileira o livro causou expectativas quanto a sua publicação em outros países, expectativa essa que foi alimentada pelo próprio Lobato ao anunciar que o livro seria lançado internacionalmente. Mas também gerou discussões quanto a seu caráter eugênico com posições divergentes em temas como a miscigenação e a esterilização. Desse modo, *O Presidente Negro* foi na época uma contribuição ao debate sobre os significados em torno da eugenia no Brasil.

*O Presidente Negro* faz parte das fontes históricas sobre a história da eugenia e da elite intelectual brasileira. Analisar *O Presidente Negro*, nesse sentido, parte do esforço em traçar a história da intelectualidade e da eugenia no Brasil. Mas é também parte do debate contemporâneo sobre os posicionamentos que seu autor – Monteiro Lobato – tinha diante da questão racial. Por isso, uma pesquisa que pauta-se em historicizar essa obra também insere-se no debate contemporâneo sobre o autor.

Entretanto, *O Presidente Negro* tem como um dos seus temas centrais a questão do feminismo. A presente pesquisa se propôs a analisar a eugenia na obra. Porém, faz-se necessário haver pesquisas que foquem na questão de gênero do livro para haver uma interpretação histórica mais abrangente do romance. Outra possibilidade de pesquisa em torno o livro é tentar investigar os motivos pelos quais a sua publicação foi negada nos Estados Unidos, apresentei algumas hipóteses, mas seria necessário aprofundar-se mais nessa temática para ter uma análise mais precisa desse acontecimento. De outro lado, o estudo sobre a repercussão do *O Presidente Negro* limitou-se aos jornais disponíveis na Hemeroteca Digital,

o que constitui uma amostra relativamente pequena das impressões que a elite letrada teve sobre o livro, mas compõe um primeiro esforço para compreender a repercussão do romance no Brasil.

## FONTES

BELMONTE, Villa. ANTEVISÕES DO FUTURO: Um romance que é mais um romance, pois compendia com grande lógica todas as realizações possíveis do idealismo orgânico. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 19 de mar. de 1927. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523\\_02&pesq=%20](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pesq=%20)

[%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pesq=%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano)

[%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=31010](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pesq=%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano). Acesso em: 20 de out. de 2022.

CHRYSANTHEME. Um choque de imagens. **Correio Paulistano**, São Paulo, 25 de jan. de 1927. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_07&Pesq=%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pagfis=24487](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_07&Pesq=%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pagfis=24487).

Acesso em: 20 de out. de 2022.

COUTINHO. S. Galeão. Yankismo de bugre: À margem do “choque das Raças” de Monteiro Lobato. **A Gazeta**, São Paulo, 16 de fev. de 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763900&Pesq=%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pagfis=24616>.

Acesso em: 20 de out. de 2022.

COUTO, Ribeiro. Lobato e a conquista do mundo. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 25 de jul. de 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&pesq=%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano>

[%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=5663](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&pesq=%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano). Acesso em: 20 de out de 2022.

FILHO, Maurice’A. A mais perfeita synthese eugenica. **Pequeno Jornal: Jornal Pequeno**, Recife, 15 de dez. de 1927. Acesso em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano>

[%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=42974](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano). Acesso em: 20 de out. de 2022.

LOBATO, Monteiro. **Barca de Gleyre**. São Paulo: Editora Globo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Idéias de Jeca Tatu**. São Paulo: Editora Globo, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Presidente Negro**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2019.

\_\_\_\_\_. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Globo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Urupês**. São Paulo: Editora Globo, 2007.

MAUL, Carlos. O choque das raças (Conversa fiada ao redor da novella de Monteiro Lobato). **O Imparcial**, Rio de Janeiro, 2 de fev. de 1927. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670\\_02&pesq=%20Choque](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670_02&pesq=%20Choque)

[%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=29688.](#)

Acesso em: 20 de out. de 2022.

O QUE será o mundo no ano 2228 – O futuro desvendado. O Jornal, Rio de Janeiro, 8 de jan. de 1927. Disponível em: [https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523\\_02&Pesq=%22O%20choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pagfis=30032.](https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&Pesq=%22O%20choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pagfis=30032)

Acesso em: 20 de out. de 2022<sup>74</sup>.

O ÚLTIMO livro de Monteiro Lobato – O Choque das Raças foi adquirido pela “A Manhã”. **O Dia**, Curitiba, 3 de set. de 1926. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&pesq=%22O%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=8106.](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&pesq=%22O%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=8106)

Acesso em: 20 de out. de 2022.

VASCONCELLOS, João. O novo livro do sr. Lobato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 12 de mar. de 1927. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_10&pesq=%22O%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=19986.](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pesq=%22O%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=19986) Acesso em: 20 de out. de 2022.

VICTOR, Nestor. Povo creança. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 de ago. de 1927. [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_03&pesq=%22O%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=31145.](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&pesq=%22O%20Choque%20das%20ra%C3%A7as%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=31145)

Acesso em: 20 de out. de 1927.

VILALVA, Mario. Um Romance de Lobato. **A.B.C: Política, Actualidades Questões Sociaes, Letras e Artes**, Rio de Janeiro, 22 de jan. de 1927. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830267&pesq=%22Presidente%20Negro%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=10556.](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830267&pesq=%22Presidente%20Negro%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=10556) Acesso em: 20 de out de 1927.

## BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Angela. **Idéias em Movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDREWS, George Reid. **Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Edusc, 1998.

---

<sup>74</sup> Essa referência refere-se a propaganda de *O Presidente Negro* que foi veiculada nos jornais de época, como a propaganda era padrão para vários jornais a referenciarei apenas uma vez.

- AZEVEDO, Carmem Lúcia de Azevedo; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na botocúndia**. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- BARBUY, Victor Emanuel. Idealismo utópico e idealismo orgânico em Oliveira Vianna. **Revista de Geopolítica**, v. 9º, nº 2, 2018, p. 152-172.
- BLACK, Edwin. **A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior**. Trad. Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.
- BURROUGHS, Edgar Rice. **Tarzan dos macacos**. São Paulo: Principis, 2020.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, Edilson Barbosa. **Política de ironia: Uma leitura d'O presidente negro, de Monteiro Lobato**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2011.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso (org.) “Apresentação” In: **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- DIAS, Maicon Alves. **De utopias e distopias – uma leitura de O Presidente Negro de Monteiro Lobato**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. Assis, p. 89, 2010.
- DIWAN, Pietra. **Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Contexto, 2020.
- FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY et al. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GRANT, Susan-Marry. **História concisa dos Estados Unidos da América**. Trad. José Ignacio Coelho Mendes Neto. São Paulo: Edipro, 2014.
- HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. “**Eis o Mundo Encantado que Monteiro Lobato Criou: Raça, Eugenia e Nação**”. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, p. 169, 2003.
- HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. 29ª edição. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- EQUAL JUSTICE INICIATIVE. Lyching in America: Confronting the Legacy of Racial Terror. Alabama: **EJI**, 2017, p. 89.
- SCHWARCZ, Lília M. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SELKE, Ricardo de Castilho. **Monteiro Lobato: crítico social**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, p. 127, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

STEPAN, Nancy Leys. **“A Hora de Eugenia” raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

WEINSTEIN, Barbara. **The Color of Modernity: São Paulo and the Making of Race and Nation in Brazil**. Durham and London: Duke University Press, 2015.

WELLS, Herbert George. **A Máquina do Tempo**. São paulo: Principis, 2020.